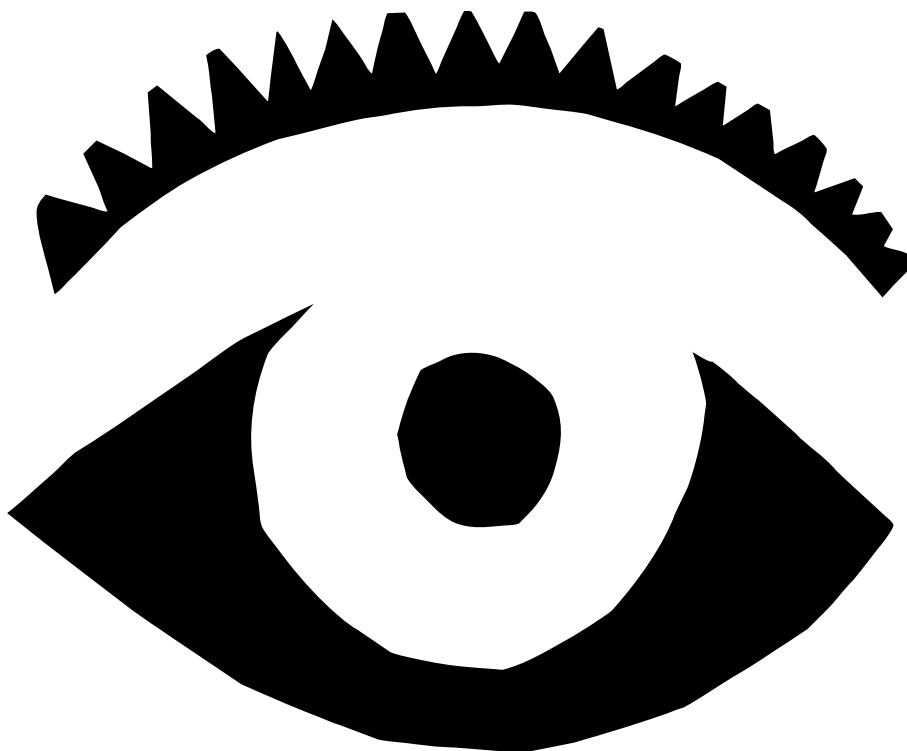


Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras



Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras



Coordenação geral

Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)
Isabel Craveiro (Teatrão)
João Santos (Teatrão)

Coordenação científica

Cláudia Pato de Carvalho (CES-UC)
Fernando Fontes (CES-UC)

Acompanhamento científico

Susete Margarido (FEUC)

Professores

Mariana Nunes
Mónica Tavares
Telmo Ferreira

Participantes no projeto

António Pereira, Armando Sousa,
Carla Rodrigues, Carlos Pimentel,
Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos,
Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz,
Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,
Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

Produção executiva

Cátia Oliveira
Eva Tiago

Comunicação do projeto

Luís Marujo
Margarida Sousa

Coordenação da edição

Isabel Craveiro

Edição e revisão

Luís Marujo

Design gráfico

Studio And Paul

Impressão

Gráfica Maiadouro S.A.

Edições Teatrão

1ª edição, junho 2024

ISBN

978-989-33-6359-1

Depósito legal

534509/24

O teatrão é uma estrutura apoiada e financiada por:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA

A Meu Ver é um projeto financiado e apoiado por:

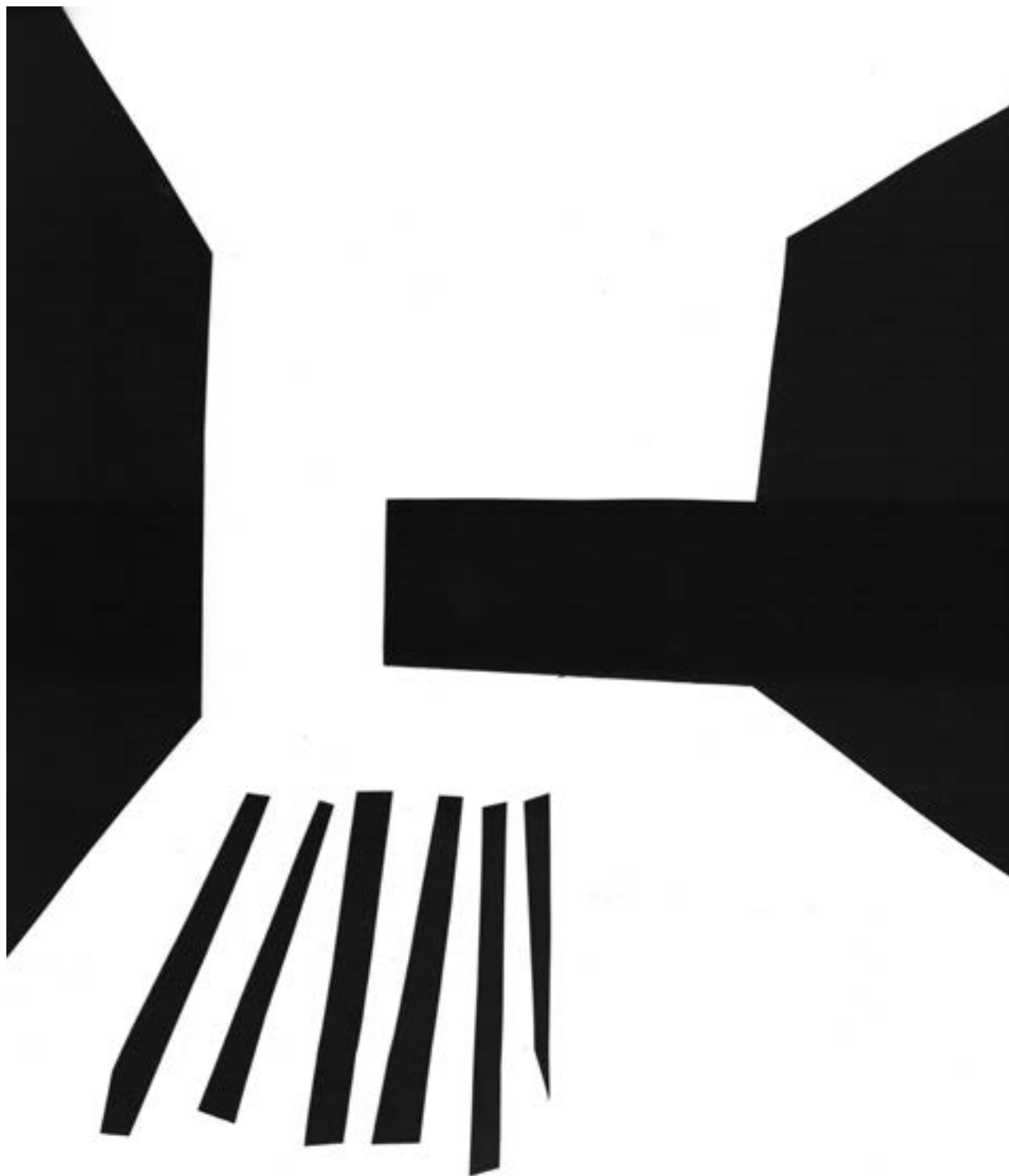


Parceiros:



Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras

Análise e considerações sobre o projeto A Meu Ver	7
Da Arte da deficiência ao direito à prática cultural: a experiência artística e teatral de pessoas com deficiência visual no Teatrão	14
Resultado e Impactos da Implementação do projeto A Meu Ver	31



Análise e considerações sobre o projeto A Meu Ver

Teatrão

Desde maio de 2021, com o arranque do projeto A Meu Ver, o Teatrão mudou. Parece uma afirmação um tanto exagerada, mas é verdadeira. A integração de pessoas com diferentes formas de deficiência, S/surdas ou neurodivergentes em programas pedagógicos da companhia aconteceu sempre de forma absolutamente inclusiva, com os programas existentes a adaptarem-se às necessidades de cada um. A Meu Ver foi o nosso primeiro projeto estruturado para a comunidade com deficiência visual, que partiu de um desafio colocado pela ACAPO-Coimbra ao Teatrão. Em boa hora este desafio foi aceite. Daremos aqui conta das expectativas, dificuldades, superações e mudanças que o projeto gerou nos participantes e no Teatrão.

Motivações e Expectativas

O Teatrão trabalha sempre com a expectativa da igualdade para todos os cidadãos, afirmando a arte, nomeadamente o teatro, como prática vital para essa conquista. É este princípio que determina o desenho da companhia e, em particular, do nosso Projeto Pedagógico, que contém programas regulares de prática teatral para a população em geral, para a comunidade escolar, para pessoas de idade maior que

frequentam centros de dia e lares, para jovens em situação de risco, para o teatro amador, para o movimento associativo da periferia da cidade, para a população migrante, para comunidades e bairros específicos da cidade ou do concelho. Todos nos inspiram à intervenção artística de proximidade, na escala 1:1 – a única que pode tornar a nossa ação real. O projeto A Meu Ver foi, por isso, pensado para oferecer à comunidade com deficiência visual uma experiência de prática teatral, de fruição de espetáculos e de espaços culturais, de discussão sobre acesso cultural, inclusão e vida independente, de convivência, de prazer, de dificuldade e superação, de comunidade. Mas a nossa ambição mapeou ainda a necessidade de intervenção sobre o restante público, as instituições e agentes culturais e o poder político local, ou seja, sobre a maioria. Durante um triénio trabalhámos com a expectativa de tocar outras faces da complexidade de cada um dos participantes e parceiros e, a partir daí, inspirar e provocar mudanças.

A organização do projeto previa diferentes lugares de atividade e intervenção: a Sala de Ensaios como o laboratório semanal de criação teatral do qual nasceriam as produções do coletivo; um programa de Acolhimentos e Oficinas com

parceiros nacionais e internacionais; uma Zona de Saída focada na fruição regular de programação cultural acessível e um espaço de progressiva conquista de autonomia e a formação de estudantes de Teatro e Educação e trabalho de intervenção para a vida independente dos participantes, a que chamámos Dia-a-Dia, Guia-a-Guia. Prevíamos ainda o acompanhamento académico do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a edição de um Fichário que disseminasse a prática artística desenvolvida e alguns momentos de discussão pública sobre acessibilidade e inclusão nas práticas artísticas.

Mudanças, Dificuldades e Desafios Enfrentados

O arranque deste projeto foi profundamente marcado pela pandemia e foi esta dificuldade que nos levou a solicitar ao Partis & Art for Change um prolongamento do projeto até final de junho de 2024. Fez ainda parte uma mudança em relação ao espaço regular de trabalho, ou seja, a Sala de Ensaios, inicialmente desenhada para as instalações da ACAPO e que acabou por decorrer sempre no Teatrão – Oficina Municipal do Teatro (OMT). Esta alteração motivou os participantes para trabalhar a sua autonomia na deslocação e precipitou a formação inicial de toda a equipa para os princípios básicos de guia ou acompanhamento de uma pessoa com deficiência visual feita pela ACAPO. A mobilidade do grupo para ensaios, espetáculos e outras atividades em dias e horários que não há alternativa através dos transportes públicos foi também um grande desafio. O Teatrão encontrou alternativa por vezes com transporte da parceira ACAPO mas maioritariamente alugando um transporte. Em 2024 acabou por adquirir uma carrinha, o que facilitou todo o trabalho no projeto.

Um dos parceiros estruturantes A Meu Ver, a Escola Superior de Educação de Coimbra, nomeadamente a Licenciatura

de Teatro e Educação, não pôde afinal participar no projeto, obrigando a transformar a atividade Dia-a-Dia, Guia-a-Guia num conjunto de outras atividades não previstas inicialmente, ou seja, as formações paralelas associadas ao desenvolvimento da Iniciativa Conjunta de Aprendizagem e Circulação com parceiros Partis & Art for Change: Bengala Mágica, Filarmónica Enarmonia, Movimento de Expressão Fotográfica, Terra Amarela e Vo'Arte.

No segundo ano de execução o projeto A Meu Ver decidiu fazer uma chamada à população do concelho de Coimbra, abrindo a possibilidade de outras pessoas, normovisuais, se juntarem ao grupo. Este desafio, desejado e temido pelos participantes veio a revelar-se uma intervenção complementar sobre a restante comunidade, promovendo uma experiência íntima de partilha de realidades até então desconhecidas para estes novos participantes. O grupo recebeu oito novas vidas, algumas oriundas de outros projetos comunitários do Teatrão, que encontraram neste desafio uma oportunidade invulgar de partilha.

A intervenção do projeto na esfera das políticas locais, para lidar com as questões de inclusão e acessibilidades, levou à concretização, no segundo ano do projeto e em parceria com o Município de Coimbra, do seminário Coimbra Cultura Acessível. Este seminário, que contou com a partilha de especialistas e experiências noutros pontos do país, teve a capacidade de envolver os participantes num trabalho de reflexão e construção de propostas sobre a mudança necessária no que diz respeito à acessibilidade no setor cultural. A participação de agentes culturais locais foi muito abaixo do esperado. Este trabalho permitiu que o Teatrão passasse a fazer parte do Grupo de Trabalho das Pessoas com Deficiência, coordenado pelo Município de Coimbra e que, para além do Teatrão, conta com a participação da Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), da Associação Nacional Deficiência

dos Sinistrados no Trabalho (ANDST), do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), da Confederação Nacional de Organizações de Pessoas com Deficiência (CNOD), da Associação Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC), da Associação das Famílias Solidárias com a Deficiência – Cavalo Azul, da Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e do Autismo (APPDA-Coimbra), da Associação Portuguesados Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM-Coimbra), da Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP) e do Centro de Vida Independente.

Impacto nos Participantes e na Instituição

O impacto gerado pelo projeto A Meu Ver deve ser alargado à reflexão sobre os resultados para além dos caminhos percorridos pelos participantes com deficiência visual e normovisuais que constituem o grupo de trabalho. Era nossa intenção, no desenho inicial, provocar e inspirar decisores políticos, programadores e agentes culturais, público em geral, academias e instituições. Nunca previmos muito claramente as expectativas de mudança sobre nós próprios. Pareceu-nos que, pelo facto de assumirmos responsabilidades como gestores e programadores de um Teatro Municipal em Coimbra, nos dava a clara noção de possibilidades de impactar os públicos que se cruzam em aulas, que assistem às criações ou que passaram a participar no projeto A Meu Ver. Mas a dimensão das mudanças que começámos a imprimir no Teatrão e na OMT, ultrapassou em muito o esperado. A equipa de trabalho sentiu necessidade de iniciar um conjunto de formações sobre acessibilidade em espaços culturais e, a partir daí operar mudanças nos acessos físicos e digitais ao teatro, na bilheteira, na frente-de casa, na comunicação e promoção das nossas atividades. Passámos a oferecer serviços de Audiodescrição e Língua Gestual

Portuguesa, a fazer parte da Rede de Teatros com Programação Acessível, a acolher, produzir e coproduzir espetáculos com artistas profissionais e amadores com deficiência, a programar os projetos e trabalhar com parceiros internacionais similares, a aprender e refletir com as diferentes instituições que lutam pela melhoria das condições de vida destas pessoas, criando uma rede imensa de trabalho e entreaajuda.

Perspectivas futuras

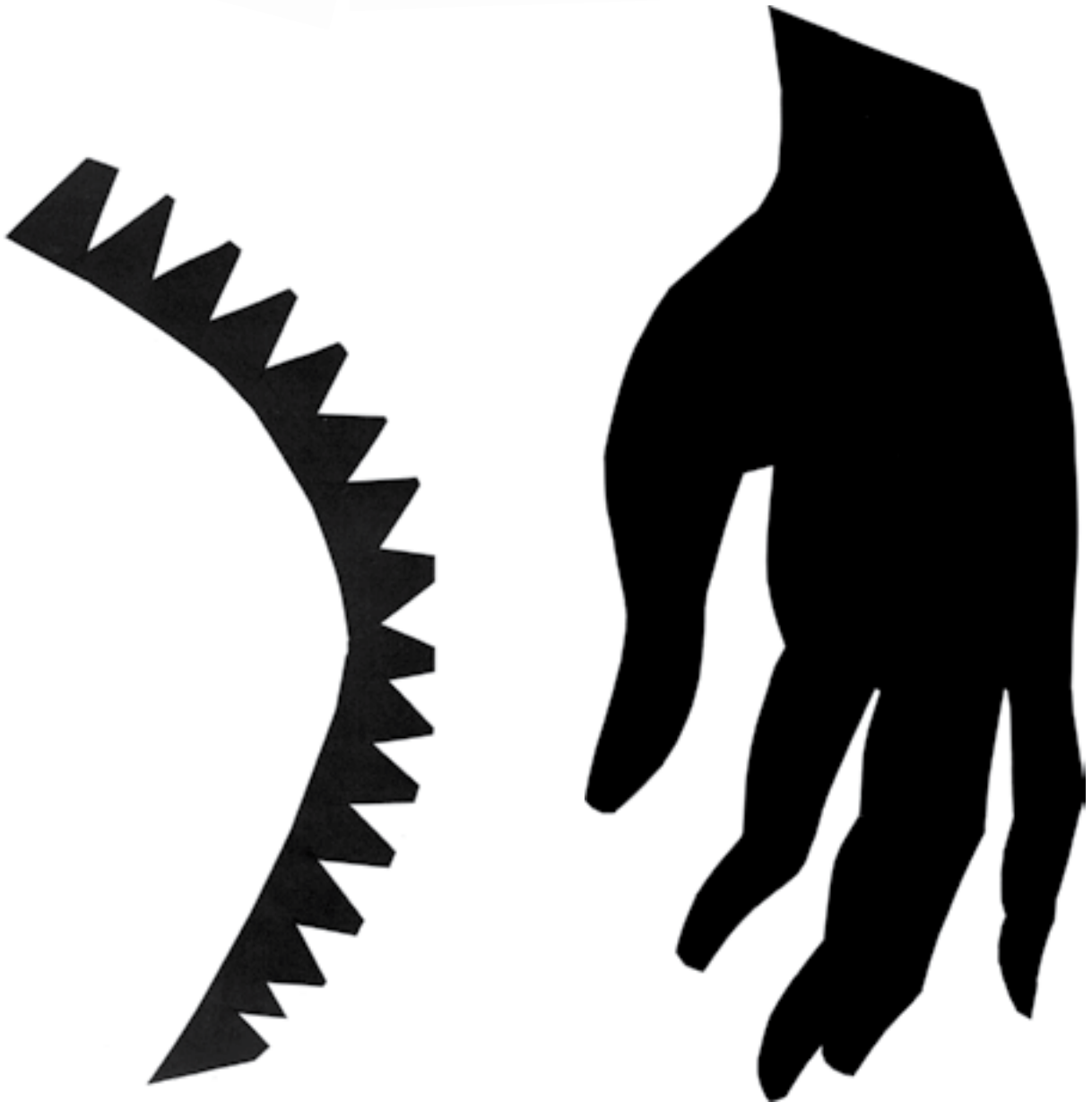
A continuidade deste projeto não é, para nós, uma opção – é uma certeza. Iniciámos já a pesquisa de outras soluções de financiamento, inscrevendo uma parte da despesa no financiamento sustentado da Direção Geral das Artes e considerando candidaturas da Comissão de Coordenação da Região Centro para as questões da Inclusão e Inovação Social.

Do ponto de vista das políticas públicas locais, consideramos que a rede de trabalho entre as diferentes instituições que trabalham na cidade pode fazer connosco o caminho de reivindicar junto do Município de Coimbra a capacitação das equipas municipais relacionadas com a acessibilidade e a acessibilidade cultural e um orçamento anual alocado a estas questões.

Junto dos agentes culturais e através do Conselho Municipal de Cultura local, trabalharemos para a capacitação do movimento associativo local.

Daremos continuidade às parcerias nacionais e internacionais criadas para programação, cocriação e investigação sobre práticas artísticas de pessoas com deficiência visual.

Isabel Craveiro (diretora artística do Teatrão e coordenadora do projeto A Meu Ver)



ACAPO

Ao longo destes últimos anos, a delegação de Coimbra da ACAPO tem tido o privilégio de ser um parceiro ativo no Projeto A Meu Ver, uma iniciativa voltada para a criação artística teatral com a participação de pessoas com deficiência visual. Este projeto não só visou a inclusão social através das artes, mas também a transformação pessoal e comunitária.

Procuramos de forma resumida, fazer uma apreciação abrangente deste ciclo, destacando as motivações, desafios, impactos e perspectivas futuras.

Motivações e Expectativas dos Participantes e da Instituição

Tendo como ponto de partida a participação de um grupo composto exclusivamente por pessoas com deficiência visual na área do teatro, aplaudimos a preocupação e o desafio abraçado pelo Teatrão, através da adaptação de metodologias de trabalho direcionadas para este público-alvo, captando desta forma o interesse e entusiasmo de pessoas cegas e com baixa visão. Esta adaptação envolveu a criação de estratégias pedagógicas e técnicas que permitiram uma construção de uma experiência teatral inclusiva e acessível. O compromisso do Teatrão em criar um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades específicas deste grupo, não só evidenciou a sua dedicação à inclusão, como também serviu de exemplo para outras entidades culturais.

Desde o início, os participantes demonstraram uma forte motivação para explorar as suas capacidades artísticas e expandir seus horizontes pessoais. A maioria procurava no teatro uma forma de expressão e uma oportunidade de integrar-se mais ativamente na comunidade.

Numa segunda fase, aquando da integração de pessoas da comunidade sem deficiência, foi possível observar a importância da partilha e convivência entre todos, independentemente das suas capacidades visuais. A inclusão de pessoas sem deficiência visual no grupo não enriqueceu apenas a experiência teatral. Permitiu também fortalecer os laços comunitários e promover uma compreensão mútua e uma maior coesão social.

Num terceiro momento, o espírito de grupo e coesão entre os participantes foi também um dos fatores que contribuiu para

a continuidade e compromisso de todos.

Para muitos dos participantes com deficiência visual esta experiência permitiu, para além da inclusão já referenciada anteriormente, trabalhar aspetos relacionados com a socialização/ interação social e atividades ocupacionais.

Para a instituição, a motivação principal é a promoção da inclusão e a igualdade, proporcionando um espaço onde as pessoas com deficiência visual possam desenvolver as suas habilidades e talentos num ambiente acolhedor e estimulante. Este projeto permitiu atingir, com sucesso, este fim a que a ACAPO se compromete diariamente.

Mudanças, Dificuldades e Desafios Enfrentados

Ao longo do projeto, observamos mudanças significativas nos participantes. Muitos desenvolveram maior confiança e autoestima, superação de desafios e dificuldades sentidas, além de habilidades artísticas e interpessoais. O caminho, no entanto, não foi isento de dificuldades. A heterogeneidade existente ao nível das habilitações académicas e experiência de vida entre os diferentes participantes, representou alguns desafios, que foram sendo atenuados ao longo do tempo, com a adaptação e capacidade dos responsáveis artísticos em gerir estas diferenças.

Entre os desafios enfrentados, destacamos ainda, por vezes, a dificuldade na gestão e conciliação das atividades profissionais inerentes como técnicos da ACAPO e, um maior envolvimento no projeto. A instituição também enfrentou desafios logísticos e financeiros, não sendo possível assumir uma colaboração para além do que se encontrava inicialmente prevista.

Impacto nos Participantes e na Instituição

O impacto, nos participantes, do Projeto A Meu Ver foi profundo.

Além do desenvolvimento pessoal e artístico, observou-se um aumento na visibilidade das questões relacionadas com a deficiência visual na sociedade. Os participantes demonstraram um maior sentimento de pertença e reconhecimento no âmbito pessoal.

Verificou-se ainda, uma maior participação na vida cultural desta população. A disponibilização de audiodescrição nos espetáculos do Teatrão, permitiu o encontrar de novos públicos que, até então, não eram habituais.

Para a instituição, o projeto reforçou ainda mais o nosso compromisso com a inclusão e proporcionou valiosas aprendizagens sobre a importância das práticas para melhor atender à diversidade da comunidade.

Este projeto criou um espaço onde as diferenças são celebradas e a diversidade é valorizada, mostrando que a arte é um veículo poderoso para a inclusão, integração e transformação social.

Perspetivas Futuras

O encerramento deste ciclo de três anos marca não o fim, mas o começo de novas possibilidades. Para os participantes, esperamos que os conhecimentos e as experiências adquiridas sirvam como alicerce para novas conquistas, seja no teatro ou noutras áreas. Para a instituição, as perspetivas futuras incluem a expansão de atividades similares e a busca contínua de parcerias que fortaleçam o nosso compromisso com a inclusão e a igualdade.

A continuidade e expansão de iniciativas como esta são essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, onde todos têm a oportunidade de contribuir e brilhar.

Em suma, o Projeto A Meu Ver não apenas atingiu os seus objetivos iniciais, mas também deixou um legado duradouro de transformação e inclusão. Estamos orgulhosos do que foi alcançado e

ansiosos para continuar essa jornada de crescimento e aprendizagens mútuas.

Perspetiva Social

Enquanto assistente social, tive a oportunidade de acompanhar profissionalmente o Projeto A Meu Ver, que se revelou como uma iniciativa essencial para o enriquecimento das pessoas com deficiência visual, que acompanho diariamente, oferecendo-lhes uma plataforma que lhes permitiu expressar a sua criatividade e, simultaneamente, promoverem uma integração mais ampla na comunidade.

Um dos aspetos mais notáveis do projeto foi a forma como facilitou a socialização entre pessoas com e sem deficiência visual. Fora do contexto do projeto, as oportunidades de relacionamento entre estes diferentes grupos são frequentemente limitadas, resultando numa segregação que impede o desenvolvimento de um entendimento mútuo e o estabelecimento de laços sociais. Ao integrar pessoas com diferentes capacidades visuais em atividades conjuntas, o projeto A Meu Ver criou um ambiente onde a convivência foi natural e motivadora. Este cenário não apenas encurta o distanciamento social que muitos participantes enfrentam, mas também enriquece a vida de todos os envolvidos.

Além disso, o projeto A Meu Ver ofereceu uma resposta concreta à exclusão cultural que muitas pessoas com deficiência enfrentam. Ao proporcionar formação artística e uma plataforma para apresentação pública, o projeto não apenas empodera os participantes, mas também sensibiliza a comunidade em geral para a riqueza da diversidade humana.

Considero este projeto um exemplo, inspirador, de como a arte pode ser um poderoso meio de transformação e um exemplo de como a inclusão pode ser efetivamente implementada na prática.

Ana Eduarda Ribeiro (assistente social na ACAPO e coordenadora do projeto A Meu Ver)

Da Arte da deficiência ao direito à prática cultural: a experiência artística e teatral de pessoas com deficiência visual no Teatrão

Autores

Fernando Fontes, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-2485-2331>

Cláudia Carvalho, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-8633-7226>

Susete Margarido, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-2485-2331>

Resumo

Em Portugal, tal como noutras sociedades, as pessoas com deficiência têm estado arredadas da participação cultural e do acesso à cultura, quer como público, quer como praticantes, quer como agentes culturais. Nas últimas décadas, resultado de uma miríade de contextos como a emergência de organizações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e a afirmação dos direitos humanos das pessoas com deficiência, temos vindo a assistir ao reconhecimento das suas narrativas e a uma maior consideração das suas necessidades, vontades e ambições. Este não é, no entanto, um percurso, nem linear, nem generalizado, continuando a persistir uma heterogeneidade de realidades, de acordo com as dinâmicas culturais locais e com a sensibilidade e visão dos agentes culturais.

O capítulo que segue tem por base uma experiência concreta de inclusão pela prática teatral e pela participação cultural de pessoas com cegueira ou baixa visão na cidade de Coimbra, o projeto 'A meu ver'. Este projeto tem uma duração de 3 anos (2021-2024), foi coordenado e implementado pelo Teatrão, em parceria com a ACAPO-Coimbra, e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação La Caixa, no âmbito do Programa Partis & Art for Change. Este capítulo analisa o papel da formação artística e teatral na

mediação cultural e como instrumento de inclusão social de grupos tradicionalmente excluídos do mundo das artes e da cultura. A investigação, decorreu entre outubro de 2021 e agosto de 2022 e privilegiou uma abordagem qualitativa. A estratégia de recolha de dados contemplou quatro técnicas: observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semiestruturadas e grupo focal.

Os dados analisados permitem-nos identificar a importância da prática teatral e da participação e criação artística na recomposição identitária das pessoas com deficiência participantes no projeto. Permite, ainda, identificar uma coletivização da experiência da deficiência e dos problemas e barreiras enfrentados pelas pessoas com deficiência no dia-a-dia, consonante com a afirmação de conceção social da deficiência.

Palavras-Chave

Deficiência, prática teatral, participação cultural

1. Introdução

A forma como entendemos a deficiência resulta das dinâmicas sociais e culturais estabelecidas em cada contexto histórico e geográfico. As diferentes vivências da deficiência e da condição de ser identificado/a como uma pessoa com deficiência em cada momento histórico-geográfico apresentam, no entanto, um traço comum: a opressão das pessoas assim perspectivadas por parte das sociedades em que estão inseridas (Fontes, 2019). Esta opressão estende-se às diferentes esferas das suas vidas e manifesta-se de múltiplas, variadas e consteladas formas onde se imbricam fatores de ordem social, cultural, económica e ambiental. A exclusão das pessoas com deficiência da experiência e da prática artística, com base, muitas vezes, em conceções menorizantes das capacidades e dos direitos das pessoas com deficiência, constitui, precisamente, uma forma de opressão deste grupo social. O ‘mundo’ das artes e da cultura permaneceu, assim, até muito recentemente, vedado às pessoas com deficiência, quer através da reprodução de barreiras culturais, quer através da manutenção de barreiras físicas que impedem a sua participação efetiva (Acesso Cultura, 2020). A experiência e a prática artística e cultural das pessoas com deficiência permaneceu até aos nossos dias marcada por perspetivas médicas da deficiência que transformam a fruição e a prática cultural e artística em terapias diversas de estimulação de sentidos e de reabilitação de corpos e mentes considerados desconformes com o modelo hegemónico de normalidade (Davis, 1995). A experiência e prática da dança, da música, do teatro, da pintura, entre outras formas de arte emerge, desta forma, como uma atividade reabilitacional de mentes e corpos.

Tal como defende Howard Becker, no contexto da necessidade de abertura dos “mundos da arte”, assumem particular relevância os princípios da acessibilidade,

da participação, da colaboração e da educação artística (Becker, 1982), a que acrescentaríamos a sua abertura a diferentes tipos de grupos e comunidades, incluindo as pessoas com deficiência. A aprovação da *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (CDPD) em 2006 (ONU, 2006), ratificada por Portugal em 2009, marca, precisamente, uma viragem, não só na forma de entendimento da deficiência e dos direitos das pessoas com deficiência, mas também, no papel atribuído às pessoas com deficiência no mundo das artes e da Cultura. O artigo 30º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) estabelece o direito das pessoas com deficiência de acederem e participarem, em pé de igualdade com as pessoas sem deficiência, à e na vida cultural recreação, lazer e desporto nas suas comunidades. A Convenção é também perentória na responsabilização dos Estados pela criação de oportunidades e condições para que essa participação seja possível e para que as pessoas com deficiência possam “[...] desenvolver e utilizar o seu potencial criativo, artístico e intelectual, não só para benefício próprio, como também para o enriquecimento da sociedade.” (nº 2 do art.º 30º da CDPD). Fazendo respaldo do disposto pela CDPD, a *Estratégia Europeia para os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030* (EEDPD 2021-2030) vem reafirmar a necessidade dos diferentes Estados-Membros garantirem a efetiva participação das pessoas com deficiência nas atividades culturais, exortando-os a definirem políticas nacionais integradoras e inclusivas nas diferentes áreas, incluindo na área da cultura, e a desenvolverem serviços inclusivos e promotores do acesso à cultura. Em Portugal este desiderato surge plasmado na *Estratégia Nacional para a Inclusão das Pessoas com Deficiência 2021-2025* (ENIPD 2021-2025) que define a ‘Cultura, Desporto, Turismo e Lazer’ como um dos seus oito eixos estratégicos, bem

como na *Estratégia de Promoção da Acessibilidade e da Inclusão dos Museus, Monumentos e Palácios na dependência da Direção-Geral do Património Cultural e das Direções Regionais de Cultura 2021-2025*. Em resultado destes documentos norteadores, as instituições e serviços começam a repensar os seus espaços, as suas condições de acessibilidade e meios de inclusão, as suas práticas, as suas coleções e programações de forma a incluírem todas as pessoas independentemente da sua situação ou necessidades específicas.

O presente capítulo tem por base a experiência concreta de implementação de um projeto de inclusão pela atividade artística e de promoção de uma arte inclusiva – “A Meu Ver” – de uma estrutura artística profissional da área do teatro da cidade de Coimbra – O Teatrão. Trata-se de um projeto de formação e prática teatral de pessoas cegas ou com baixa visão, com uma duração de 3 anos, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação “la Caixa”, no âmbito do *Programa Partis & Art for Change*. Este projeto agrega uma vertente de formação artística a uma vertente de intervenção no espaço cultural da cidade e da região de Coimbra. Uma outra componente do “A Meu Ver” está relacionada com um acompanhamento científico do projeto, que inclui uma avaliação dos seus impactos nos participantes, suas famílias e comunidades mais alargadas. Por outro lado, pretende-se também ter impacto ao nível das políticas das acessibilidades culturais dos espaços no Município de Coimbra. A articulação entre as componentes da formação e criação artísticas e a componente das ciências sociais e humanas reforça a vertente multidisciplinar do projeto. Os dados aqui apresentados resultam de um trabalho de acompanhamento e avaliação de impacto do primeiro ano de implementação do projeto “A Meu Ver” que objetivou analisar e reequacionar os possíveis papéis da formação artística

na mediação entre a entidade O Teatrão e um grupo de pessoas com deficiência, tradicionalmente mais afastados dos circuitos culturais. Por mediação cultural, na esteira de Davallon (2010), entendemos, a ação de facilitar o acesso e a apropriação de obras, saberes e do universo artístico e cultural que lhes subjaz por parte de determinados segmentos de públicos, no caso do “A meu Ver” por parte de pessoas com deficiência visual.

O nosso trabalho foi orientado pelas seguintes questões:

- Que lugar, para a arte, na mediação entre entidades artísticas e diferentes tipos de comunidades?
- Como intermediar novos entendimentos, perceções e interpretações que possam interligar a criação artística com comunidades à margem dos circuitos artísticos?

Usando o caso específico da formação e prática teatral de pessoas com cegueira ou baixa visão, este capítulo pretende refletir sobre o papel mediador da atividade artística na criação de espaços de comunicação entre artistas, instituições artísticas e culturais, investigadores e comunidades que se encontram normalmente mais afastadas dos contextos das ofertas e experiências culturais. O texto encontra-se organizado em cinco pontos. No primeiro ponto apresentaremos o corpo teórico que enforma este capítulo de forma a problematizar a ligação entre a atividade artística e as pessoas com deficiência no contexto do movimento da “Arte da Deficiência”; no segundo ponto apresentamos o contexto do estudo de caso e a sua especificidade empírica; no terceiro ponto, partilhamos a abordagem metodológica do projeto; no quarto ponto, trabalhamos a relação entre arte, mediação e o projeto “A Meu Ver”; por fim, apresentamos algumas conclusões da análise de dados realizada e algumas reflexões sobre o desenvolvimento e impacto do projeto.

2. A afirmação social da Deficiência pela arte e pela cultura

O desenvolvimento do movimento social de pessoas com deficiência a partir da década de 1960/1970 em países com os Estados Unidos da América e o Reino Unido e a aprovação da *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (CDPD) em 2006, permitiram a difusão e afirmação de novas perspectivas da deficiência, entidade como uma forma de opressão social ou como uma questão de direitos humanos. Este movimento e os seus ecos continua, ainda, bastante embrionários e silenciosos em muitos contextos geográficos, perpetuando perspectivas opressoras e fatalistas da deficiência e individualizadoras e minorizadoras das pessoas com deficiência. Esta realidade faz com que a vida da grande maioria das pessoas com deficiência continue cercada por fenómenos de pobreza e de exclusão social (Beresford, 1996; Coleridge, 1993; Turmusani, 2002; Zaidi e Burchard, 2002), e os seus direitos e oportunidades continuem, muitas vezes, a ser uma miragem. A preponderância na cultura dominante de concepções minorizadoras e opressoras das pessoas com deficiência apresenta-as como seres inferiores, passivos, sem utilidade e quase não humanos (Barnes & Mercer, 2010). Por outro lado, a sua exclusão na produção e consumo dessa mesma cultura, opressora da sua identidade e necessidades, impulsionou as pessoas com deficiência, em contextos geográficos como a Inglaterra e os Estados Unidos da América (Davis, 1995; Brown, 1997; Barnes & Mercer, 2010), a desenvolverem uma cultura alternativa, capaz de exprimir, de uma forma positiva, as suas identidades e experiências.

O desenvolvimento, afirmação e celebração desta identidade positiva das pessoas com deficiência e do orgulho em ser quem e como são, o que Swain e French (2000) denominam de 'modelo de afirmação', traduziu-se também ao nível das artes com o desenvolvimento

daquilo que podemos genericamente designar por 'Arte da Deficiência'. A 'Arte da Deficiência', ou 'disability arts' na sua formulação original, é assim um movimento artístico e político desenvolvido por pessoas com deficiência nos diferentes campos e expressões culturais – teatro, cinema, música, dança, escultura, pintura, performance, comédia, poesia, novela, fotografia... – e as respetivas criações artísticas, que explora e apresenta a história, a cultura e as experiências da deficiência e da incapacidade do ponto de vista individual e político, bem como as visões, perspectivas e experiências do mundo das pessoas com deficiência. Barnes e Mercer acentuam, precisamente, esta dimensão política ao definirem a 'Arte da Deficiência' como o "desenvolvimento de significados culturais partilhados e a expressão coletiva da experiência da deficiência e da luta. Isto implica utilizar a atividade artística para mostrar a discriminação e o preconceito que as pessoas com deficiência enfrentam e gerar solidariedade e consciência de grupo" (2010, p. 207). Estes autores defendem que a 'Arte da Deficiência' apresenta, assim, pelo menos três dimensões inter-relacionadas: a reivindicação/defesa do acesso das pessoas com deficiência à produção e consumo artístico convencional; a exploração da experiência de viver com uma incapacidade; e, mais importante, a apresentação de uma resposta crítica à experiência de marginalização e exclusão social (Barnes & Mercer, 2010, p. 207-208). A existência de uma ou várias culturas alternativas da deficiência, está, no entanto, longe de ser algo consensual dentro do movimento de pessoas com deficiência ou mesmo no campo dos Estudos da Deficiência (Wendell, 1996). Todavia a existência deste movimento da 'Arte da Deficiência' é inegável com o surgimento de diferentes vozes, iniciativas e formas de expressão das pessoas com deficiência que, em muitos casos, produzem, efetivamente, uma cultura de resistência e de celebração

(Oliver & Barnes, 1998). A noção de cultura emerge, assim, aqui na sua dupla aceção, isto é, enquanto conjunto de valores, crenças e normas partilhadas por um determinado grupo social (Giddens, 1989) e enquanto criação artística produzida, neste caso, por pessoas com deficiência.

Como a História da deficiência e das pessoas com deficiência bem demonstra, a sua participação no mundo das artes e da cultura está longe de poder ser sempre enquadrada neste movimento artístico de produção de uma cultura política alternativa e celebrativa para as pessoas com deficiência. Importa pois distinguir este movimento daquilo que podemos apenas designar por “artistas com deficiência”, isto é, artistas que apesar de terem uma qualquer incapacidade não são, unicamente, influenciados por essa circunstância (Austin & Brophy, 2015). Alguns dos nomes de pessoas com deficiência que no passado se destacaram no mundo das artes, como Van Gogh ou Beethoven, são disso um bom exemplo. Na atualidade, uma nova geração de artistas na área da ‘Arte da Deficiência’ vem delineando novos caminhos e novas leituras, onde a deficiência deixa de ser o foco da mensagem política que pretendem veicular, mas onde emerge entre outros que constituem a diversidade das pessoas com deficiência. Um projeto recente desenvolvido pela organização australiana de pessoas com deficiência vocacionada para a promoção da acessibilidade das artes e da cultura – Arts Access Victoria – identifica alguns dos nomes mais proeminentes na atualidade, ao mesmo tempo que enfatiza esse aspeto das suas criações. Esta organização salienta, assim, o trabalho de artistas como: Yinka Shonibare do Reino Unido, Chuck Close dos Estados Unidos da América ou Jane Trengove da Austrália (Austin & Brophy, 2015). Os nomes identificados constituem para esta organização um exemplo de artistas profissionais com deficiência a trabalharem nas artes visuais contemporâneas. Não obstante

a leitura marcadamente ocidental do campo apresentada por esta organização, se nos centrarmos no trabalho destes/as artistas, uma das características unificadoras da sua produção é precisamente esse ampliar de leituras e mensagens, explorando questões como a representação cultural, o género, a sexualidade e o poder político, não se centrando unicamente na questão da deficiência. Como é enfatizado, embora o seu trabalho não esteja unicamente comprometido com e/ou focado na deficiência, este pode, no entanto, ser diretamente influenciado por essa experiência vivida pelo/a artista e que esclarece o processo criativo e o conteúdo das suas obras. O trabalho destes/as novos/as artistas deve, assim, ser analisado num contexto artístico contemporâneo mais amplo e não apenas no âmbito das ‘Disability Arts’, ou da ‘Arte da Deficiência’. Esta necessidade deve-se ao facto de o seu trabalho não refletir uma relação direta com a deficiência, sendo esta apenas vislumbrável nas nuances de ligação entre a experiência vivida pelos/as artistas e as suas observações críticas sobre o lugar cultural e social que ocupam (Reeves, 1999 *apud* Austin & Brophy, 2015). A preservação da essência das ‘disability arts’ parece agora ter-se deslocado para a liberdade de criação cultural dos/as artistas com deficiência em ambientes controlados por si e independentes de modelos de avaliação dominantes (Barnes & Mercer, 2010).

Portugal não tem sido estranho a este movimento de ‘Arte da Deficiência’, com a emergência de artistas e de grupos de artistas com deficiência nos mais variados campos e expressões, que vão desde o teatro, à dança, às artes plásticas, passando pela música e pela representação. Um exemplo são os ‘5.^a Punkada’, uma banda musical de utentes da Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, criada em 1994, que conta já com um disco gravado – “Somos Punks ou não?” – e com dezenas de espetáculos por

todo o país. Na área da dança têm vindo a firmar-se nomes individuais, como é o caso da Diana Niepce, e coletivos, como é o caso do grupo ‘Dançando com a Diferença’. A primeira, é uma bailarina e coreógrafa portuguesa que em resultado da sua tetraplegia tem vindo a experimentar e a desenvolver uma nova linguagem na dança com base no seu corpo, explorado enquanto elemento político. Entre os diferentes trabalhos da bailarina e coreógrafa Diana Niepce destacam-se os seus trabalhos “12 979 Dias” (2019), “Duetto” (2020), “T4” (2020), “Anda, Diana” (2021), “O outro lado da dança” (2022), “Enfreakment” (2024), “Utopia” (2024). O segundo, é uma companhia profissional de dança que resulta de um grupo com o mesmo nome criado na Região Autónoma da Madeira em 2001 e que explora o conceito de dança inclusiva, juntando bailarinos/as com e sem deficiência. Na área do teatro são inúmeros os exemplos de iniciativas por todo o país. De entre estas sobressai, pela sua longevidade e dinâmica, o ‘Grupo Crinabel Teatro’. Este grupo, criado em 1986, conta já com várias dezenas de produções artísticas e de artistas formados/as ao longo dos anos, e que tem dinamizado diversos encontros de teatro especial e promovido a difusão do uso da prática e linguagem teatral a outras instituições congéneres nacionais e estrangeiras.

É, assim, inegável o avanço operado ao nível da participação das pessoas com deficiência no mundo das artes em Portugal. A sua participação enquanto artistas profissionais e enquanto agentes de produção e programação cultural continua, no entanto, a ser diminuta face ao conjunto de pessoas sem deficiência. Acresce que a arte na deficiência e da deficiência entre nós emerge quase sempre na sua vertente educativa, terapêutica e, em casos específicos, recreativa, sendo muito raramente entendida e apreciada na sua vertente cultural e artística. A afirmação de um movimento de ‘Arte da

Deficiência’ continua, assim, embrionário, e a consolidação de uma cultura alternativa, de resistência e de celebração da diferença, tal como defendido por Oliver e Barnes (1998), continua a ser uma promessa.

3. Contexto e metodologia

3.1. O projeto “A Meu Ver”

Em Portugal, para além das barreiras no acesso às artes e à cultura, no seu sentido restrito, as pessoas com deficiência deparam-se, também, com uma falta de oportunidades de participação no mundo artístico profissional (Acesso Cultura, 2020). Tendo por base a nova visão das pessoas com deficiência e dos seus direitos, emanada da CDPD, temos vindo a assistir à emergência de um crescente número de projetos e programas de apoio à criação e desenvolvimento de contextos e oportunidades inclusivas no mundo da cultura e das artes. Um exemplo deste tipo de iniciativas é, precisamente, o programa “PARTIS & Art for Change” financiado pelas Fundações Calouste Gulbenkian e “la Caixa” que tem por objetivo financiar projetos artísticos de inclusão social em Portugal. Este programa, criado em 2020, apoia, através de ações de capacitação e financiamento, organizações que desenvolvam e implementem práticas artísticas que promovam a inclusão social. O Projeto “A Meu Ver”, em análise no presente capítulo, desenvolvido pelo Teatrão, é um dos projetos financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação “la Caixa” no âmbito do Programa “PARTIS & Art for Change”. Com uma duração de três anos, o “A Meu Ver” (2021-2024) prevê a formação teatral de um grupo de pessoas cegas e com baixa visão, bem como a criação e apresentação de três espetáculos teatrais. Para o seu desenvolvimento, o projeto conta com uma parceria entre a companhia profissional de teatro Teatrão e a Delegação de Coimbra da Associação dos Cegos e Amblíopes

de Portugal (ACAPO), com o objetivo de criar um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral. Para o efeito, foi criada uma oficina regular de teatro “Sala de Ensaios” que, recorrendo a uma equipa artística profissional e multidisciplinar, é responsável pelo desenvolvimento do projeto e da qual resultou já uma primeira peça, intitulada “O que é invisível”, apresentada ao público em março de 2022. O presente capítulo baseia-se no trabalho de acompanhamento do primeiro ano de implementação do ‘A meu ver’, que procurou compreender de que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual, participantes no projeto “A Meu Ver”.

O projeto “A Meu Ver” assume particular relevo na missão do Teatrão dado o amplo trabalho que esta companhia profissional de teatro tem vindo a realizar, em particular a partir de 2010, na implementação de projetos de mediação com a comunidade que envolvem uma vertente de inclusão social através das práticas artísticas. Tal como é afirmado pela própria companhia, o Teatrão assume:

“[...] a missão de aproximar a arte teatral das comunidades e territórios, promovendo a igualdade de acesso às suas atividades por todos os públicos, através de práticas inclusivas, fruto da sua posição política sobre o papel da arte e cultura no desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades.”

(Teatrão, 2023)

A companhia procura, assim, intervir no dia-a-dia das comunidades onde atua e contribuir para que a arte seja reconhecida como prática essencial da sociedade. O Teatrão oferece uma grande diversidade de atividades, onde se incluem as peças de teatro para vários tipos de público (oferecendo serviços de audiodescrição e de tradução para Língua Gestual Portuguesa), programação de espetáculos de outros criadores, formação para todas as idades e intervenção comunitária. Desde a sua criação, o Teatrão tem trabalhado para que a atividade artística seja mais

acessível para todos, aproximando-a às comunidades e ao território. Após assumir os espaços da Oficina Municipal de Teatro (OMT), em 2008, a companhia tem trabalhado para que este espaço seja de proximidade, mas também investindo num trabalho de circulação das produções artísticas em circuitos nacionais e internacionais e não deixando de aposta na dimensão pedagógica e artística (Baltazar, 2021). De modo a concretizar os objetivos da companhia, foram criados diversos projetos, entre eles o projeto pedagógico e os projetos de intervenção, que procuram fazer do acesso à cultura um direito dos cidadãos e das cidadãs (Baltazar, 2021). O projeto pedagógico é o elo de ligação entre as diferentes dimensões das atividades da companhia, concretizando a crença de que o acesso à cultura é um direito, construído através de uma prática regular de hábitos culturais (Baltazar, 2021). O Projeto Pedagógico funciona através de seis programas: “Links”, “Turmas”, “Pastas”, “Explorações”, “Prós Grandes” e “Prós Stôres”. O programa “Links”, é um espaço onde o público participa diretamente no processo de criação, interagindo com os/as artistas, através de rodas de conversa, oficinas e visitas guiadas. O programa “Turmas”, funciona ao longo do ano e oferece formação contínua em práticas teatrais, orientadas por artistas convidados/as, educadores/as ou residentes, oferecendo um espaço de formação para futuros/as atores/atrizes da companhia. O programa “Pastas”, inclui um conjunto de compilações de materiais de apoio produzidos pelo Serviço Educativo e pela investigação conduzida nos projetos da companhia. O programa “Explorações” funciona através de workshops, percursos ou visitas guiadas, faz o público contemplar e experienciar outras formas de ocupar e conviver na vida quotidiana urbana e cruzar estas experiências com a exploração da linguagem do teatro e da performance. O programa “Prós Grandes” é realizado em parceria com redes locais

de apoio (Centros de Dia e Lares), e é um projeto teatral destinado à população sénior. Por fim, o programa “Prós Stôres” é dirigido a professores/as e educadores/as e oferece cursos de curta e média duração com a possibilidade de coprodução.

O projeto “A Meu Ver”, integra-se no programa “Turmas” do Projeto Pedagógico do Teatrão, e dá sequência a outros programas de formação e criação artística com diferentes tipos de comunidades (jovens de bairros sociais – 2010/2011; jovens filhos de emigrantes – 2011/2012; jovens em situação ou risco de abandono escolar – 2012/2013), que a companhia tem vindo a desenvolver ao longo da última década. É nesta vertente de mediação que se enquadra a experiência partilhada neste capítulo, abrindo assim novos canais para pensar a atividade artística na relação com as suas possibilidades de mediação entre diferentes tipos de públicos, explorando ao mesmo tempo os diferentes níveis que podem assumir os seus formatos de participação cultural. No caso em particular do “A Meu Ver”, o desenvolvimento deste espaço de criação, formação e expressão artística abre novas possibilidades para pensar a inclusão social de comunidades muitas vezes invisibilizadas pela sociedade em geral, repensando e reformulando os formatos da participação cultural. Este projeto envolveu um conjunto de 11 pessoas com deficiência visual, cinco homens e seis mulheres, com idades compreendidas entre os 32 e os 72 anos, residentes em diferentes freguesias do distrito de Coimbra e com um nível de escolaridade bastante heterogéneo (2 pessoas com o 1º ciclo do ensino básico; 2 pessoas com o 3º ciclo do ensino básico; 4 pessoas com o ensino secundário e 3 pessoas com o ensino superior). Este grupo é, também, bastante diverso no que concerne às circunstâncias de vida. Das 11 pessoas participantes, 6 são casadas ou vivem em união de facto, 3 são solteiras e 2 são divorciadas. No que concerne à

condição face ao emprego: 5 pessoas estavam reformadas por invalidez devido a incapacidade permanente para o trabalho, 4 pessoas estavam desempregadas e à procura de emprego, 1 pessoa estava empregada por conta de outrem e 1 pessoa estava a realizar trabalho socialmente necessário no âmbito da medida ‘contrato emprego -inserção+’.

3.2. Estratégia metodológica

A presente investigação privilegiou uma abordagem qualitativa, realizando um estudo de caso, de carácter exploratório, que decorreu entre outubro de 2021 e agosto de 2022. Os dados aqui reportados foram coletados através de quatro técnicas de recolha de dados: observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Foi realizada observação participante em 24 ensaios, que decorreram na “Sala de Ensaios” da OMT, do grupo de participantes do projeto “A Meu Ver”. Foram realizadas 22 entrevistas em dois momentos temporais distintos. Num primeiro momento, que decorreu entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas a todas as pessoas participantes do “A Meu Ver”. Tendo em conta o contexto de pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas presencial ou telefonicamente, conforme preferência do/a entrevistado/a. Estas entrevistas tiveram por objetivo conhecer os/as participantes do projeto “A Meu Ver”; fazer um levantamento das suas expectativas; identificar as alterações produzidas pela prática teatral no seu dia-a-dia; e descrever a sua relação com as práticas culturais e artísticas. Neste primeiro momento e no início da entrevista foi aplicado um inquérito por questionário, visando a recolha de dados sociodemográficos dos participantes. Num segundo momento, foram realizadas 11 entrevistas ao mesmo grupo alvo em formato presencial ou telefónico, tal como anteriormente. Este segundo momento

de entrevistas dinamizadas em Abril de 2022, imediatamente após a apresentação da peça teatral produzida pelo projeto – “O que é invisível” – teve por objetivo recolher as preocupações, dificuldades e desafios enfrentados pelos participantes do projeto, identificar e recolher as estratégias de superação mobilizadas, avaliar o seu grau de satisfação com o projeto e identificar possíveis impactos da sua participação. No final do primeiro ano foram dinamizados 2 grupos focais: 1 com os profissionais da ACAPO envolvidos no projeto e 1 com os profissionais do Teatrão, no primeiro caso com o objetivo de analisar a participação da ACAPO na implementação do projeto e no processo de criação artística, e, no segundo caso, de analisar o impacto do projeto “A Meu Ver” no Teatrão e nos profissionais do Teatrão. No grupo focal com a ACAPO estiveram presentes três técnicas da instituição (2 técnicas de orientação e mobilidade e 1 assistente social). No grupo focal com o Teatrão estiveram presentes quatro pessoas (2 elementos da estrutura de gestão e direção da companhia, assim como os 2 formadores do grupo e, também, encenadores da apresentação anual). As entrevistas foram gravadas em formato áudio e, posteriormente, transcritas, tendo sido exploradas através de uma análise temática (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006) que nos permitiu proceder à identificação e análise dos temas dominantes.

Todas as pessoas entrevistadas foram previamente informadas dos objetivos das entrevistas. O agendamento e realização das entrevistas teve lugar após a aceitação do protocolo de consentimento informado por parte do/a entrevistado/a, sendo que, o/a entrevistador/a deu conhecimento e transmitiu a informação escrita que consta no mesmo, verbalmente e, posteriormente, questionou acerca da aceitação dos/as envolvidos/as no estudo.

4. Apresentação e discussão de resultados

As artes constituem uma importante ferramenta de desconstrução, questionamento e crítica social, bem como de reconstrução e apresentação de novas narrativas da realidade. No caso das pessoas com deficiência, o acesso e participação na prática artística e cultural, bem como a construção de uma linguagem própria que possa expressar as suas experiências, tem vindo a assumir um lugar de destaque e a apresentar-se como uma reivindicação e como um direito. Entre as diferentes artes, o teatro tem-se afirmado como uma prática cultural significativa dentro dos processos de resistência, na medida em que evidencia as capacidades e potencialidades dos indivíduos (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2020). Como espaço que permite interações e interpretações, bem como a utilização do imaginário, o teatro apresenta um elevado potencial de expressão de novos mundos e de novas experiências, bem como de afirmação de novas linguagens e de novas conceções da realidade (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2021). Neste sentido, podemos dizer que a atividade artística pode ser encarada como um espaço de mediação, isto é, como um espaço de fronteira que permite a comunicação e a articulação entre diferentes conceções e experiências da realidade, neste caso entre uma cultura dominante e uma nova cultura alternativa, mas também como um espaço de afirmação de direitos. Estes direitos concretizam-se, não só no acesso e na participação na atividade e na prática cultural, mas, também, na possibilidade de reconfiguração e apresentação de novos direitos de cidadania: através da formação artística; através do acesso à cultura como consumidores e, através do desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva sobre a sociedade.

No caso do projeto “A Meu Ver”, como pudemos verificar, a formação, prática e consumo teatral possibilitados, criou espaços de mediação que permitiram, não

só, chegar a públicos tradicionalmente afastados desta arte, como são o caso das pessoas com deficiência, mas também, criar um espaço para a “agência” desses mesmos públicos, tornando-os mais ativos na construção e reconstrução desta prática e, conseqüentemente, dos seus direitos como cidadãos e cidadãs. Como foi possível observar ao longo da implementação do projeto e, posteriormente, verificar aquando da realização das entrevistas, a prática e a experiência artística permitiu, também, uma incorporação, ou maior evidência, do teatro e das artes na autoidentificação das pessoas com deficiência participantes no projeto. Por outro lado, facilitou a coletivização da experiência da deficiência e, conseqüentemente, a sua politização, criando uma maior consciência de que a maioria dos problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência não derivam diretamente das suas incapacidades, mas sim das barreiras existentes na comunidade em que estão inseridos/as.

4.1. Acesso e participação na prática artística e cultural

Estes impactos do projeto “A Meu Ver” apresentam-se alinhados com os objetivos definidos pelo próprio Teatrão em sede de candidatura, de tornar visível que os problemas decorrentes da deficiência estão relacionados com as formas de organização social e não com as funcionalidades do corpo. A coletivização da experiência da deficiência através da prática artística e da incorporação identitária permitiu ao projeto contribuir para a desconstrução de uma conceção médica da deficiência e para a disseminação de um entendimento social da deficiência, permitindo assim uma visibilidade das pessoas com deficiência e uma reflexão conjunta sobre o seu estatuto como cidadãos de pleno direito. Como pudemos testemunhar através dos diferentes momentos de observação, a da criação de um espaço onde é possível ficcionar teatralmente tendo por base interesses e percepções dos participante

, criou, nesta primeira fase do projeto, uma consciência de grupo nas pessoas participantes e nas suas redes de apoio primárias. Por outro, a apresentação pública de um espetáculo, que resultou de um esforço conjunto entre todos/as os/as participantes, colocou na esfera pública uma tomada de posição sobre o lugar que a atividade artística pode ocupar na mediação entre a entidade o Teatrão e um grupo de pessoas com deficiência, tradicionalmente mais afastados dos circuitos culturais e que entendem esta possibilidade de participação cultural como um contributo para um melhor cumprimento dos seus direitos de cidadania. Os dados da observação participante e das entrevistas realizadas evidenciaram, precisamente, a preocupação da equipa de coordenação do trabalho em preservar os diferentes tipos de participação e contributos das pessoas envolvidas, quer no processo de escrita, quer de construção do espetáculo “O que é invisível”. Durante o processo de escrita e construção da peça os/as participantes contribuíram ativamente para este processo através da formulação de opiniões, de sugestões e da apresentação de ideias específicas da expressão dos seus interesses individuais e das suas disponibilidades para assumirem determinadas funções no espetáculo, e, numa fase mais avançada de preparação do espetáculo, através da apresentação de sugestões de alteração de partes do texto e de adaptação do dispositivo cénico às necessidades específicas individuais de movimentação e de orientação espacial. Esta participação ativa das pessoas com deficiência na construção do guião, na definição, disposição e até mesmo construção dos elementos cénicos é bem evidente nos testemunhos, retirados das entrevistas realizadas, que transcrevemos de seguida:

“Sim, sim. Aquele primeiro texto inicial, aquele que estava gravado, o primeiro esboço foi eu que o fiz. [...]”

(Entrevistado/a 6 – Momento 2)

“Tive, tive. Para já, antes da primeira cena, antes dessa cena ser escrita propriamente, foi conversada, foi falada, na altura, com o X [encenador], e ele escreveu essa primeira cena em conformidade com aquilo que nós já tínhamos falado anteriormente. Depois do texto, houve uma ou outra coisa que também falei com o X [encenador] – via telefone até – que fizemos essas pequenas alterações no texto. Isto em relação à primeira cena. A segunda cena, (...) na questão do palco e indumentária, sim. A sugestão de vestirmos, por exemplo, de branco ou de termos vestido, pronto, estar vestidas de branco ou uma cor muito clara, foi sugestão que eu dei. A sugestão das coisas no palco, à exceção de uma coisa, também foi dada por mim: a questão da banheira, coisas que fossem já antigas, que à partida fizessem lembrar ... coisas colocadas de parte que já não se usam porque estão estragadas. (...) Então, essas sugestões foram dadas, foram feitas e foi a participação que tive. Depois a ligação, toda, aquela narração, também foi apresentada, foi conversada – falei sempre com o X [encenador], que foi ele que escreveu, no sentido de obter dali a minha percepção e perceber também qual era a percepção do X [encenador] (e a percepção era idêntica, sem dúvida) e depois foi construir toda essa narração: permitir que fosse aquele elo, aquela ligação entre as várias cenas. As pessoas não estarem, eventualmente, totalmente despojadas ou desenquadradas nesse sentido. Tive a participação. E a máscara, inclusivamente aquela máscara de gesso que estava na primeira cena, essa máscara foi feita mesmo – tive lá no Teatrão para aí uma hora e meia com gesso na cara, para fazer o molde daquela máscara. Depois foi trabalhada e foi colocada. Portanto, tive a participação em várias coisas.”

(Entrevistado/a 10 – Momento 2).

Como foi possível verificar, aquando da realização do segundo momento de entrevistas, que teve lugar após a apresentação pública da peça, a participação no projeto possibilitou aos participantes acederem à prática artística teatral, também como espectadores. Esta experiência significou, para algumas destas pessoas, um abrir de portas para uma nova realidade e dinâmica cultural à qual tinham pouco ou nenhum acesso. Para tal, não é despendendo notar o investimento

desta companhia de teatro na aquisição de uma cabina de audiodescrição, bem como a disponibilização de serviços de audiodescrição e de tradução para Língua Gestual Portuguesa (LGP) em todos os espetáculos levados à cena desde o início deste projeto. Esta maior participação em espetáculos é revelada por vários dos nossos entrevistados:

“Sim, se calhar já fui ver mais espetáculos lá no Teatrão que eu fui numa porrada de anos. Antigamente era solteiro e ia ao cinema. Acho que nunca tinha ido ao teatro.”

(Entrevistado/a 4 – Momento 2)

“Mudou um bocadinho porque nos foi proporcionado outros eventos também.”

(Entrevistado/a 7 – Momento 2)

“A questão do teatro permitiu-me, por exemplo, aceder mais vezes a peças de teatro. Já o fazia anteriormente, mas era só uma coisa muito esporádica. Agora, passou a ser um pouco mais consistente.”

(Entrevistado/a 10 – Momento 2)

Interessante foi, ainda, verificar como a ativação deste processo de participação cultural das pessoas com deficiência visual, encetado pelo projeto, potenciou a sua maior participação na comunidade e, conseqüentemente, contribuiu para o seu processo de inclusão social. Este processo parece ter resultado de uma confluência de fatores entre os quais destacamos: a articulação da coordenação do projeto com a autarquia de Coimbra na efetivação e facilitação de opções de mobilidade e transporte de e para o local dos ensaios do projeto, a Oficina Municipal de Teatro; o investimento, anteriormente descrito, do Teatrão na eliminação de barreiras no acesso e experiência da prática teatral; e, de grande importância nos relatos das pessoas entrevistadas, o reconhecimento e valorização das suas vozes, opiniões, experiências e leituras. A importância dada pelas pessoas participantes ao acesso a práticas culturais e à participação nestas práticas, foi bem frisada por uma das técnicas da ACAPO responsável pelo acompanhamento

deste grupo por nós entrevistada num grupo focal:

“(…) se trata sobretudo da possibilidade de usufruir um direito como qualquer outro cidadão, o acesso à cultura tem de ser um direito, não só das pessoas com deficiência visual, mas de qualquer outra pessoa. E o facto de poder aceder à cultura com facilidade da mesma forma do que outra pessoa sem deficiência, acho que isso acaba por ser uma mais-valia e estas pessoas sentem isso mesmo (...). [...] Ou quero fazer parte (...). Neste caso, é o fazer parte.”

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

Os nossos dados revelam, assim, que o próprio processo de mediação cultural, neste caso específico, possibilitado pelo “A Meu Ver”, opera uma transformação das pessoas participantes a nível individual e social, a que acresce a componente artística já incluída na vertente de formação do projeto. Entre as mudanças a nível individual, visíveis nalgumas das vozes que reproduzimos abaixo, são de destacar: o aumento da concentração e da motivação no dia-a-dia, a maior autoestima e sensação de realização pessoal, a maior capacidade de tomada de decisão, para além das questões de posicionamento de voz e de postura corporal.

“A mudança que eu sinto é, mais mesmo, eu sentir-me mais motivada. Não mudou assim mais nada de significativo, mas, pelo menos, eu sinto-me mais motivada, mais realizada. Continua a ser enquanto estou ocupada, quando cai no vazio as coisas não são assim tão simples. Pelo menos, nessa parte, tenho momentos de me sentir muito bem. Mais prolongados. [...]”

Sim, trouxe-me vantagens. Para tornar mais fácil a minha decisão, nas participações que possam acontecer, decido-me com mais determinação.”

(Entrevistado/a 3 – Momento 2)

E: Quer dizer que isto lhe trouxe algumas mudanças, embora poucas, mas que foram vantajosas para a sua vida?

e: E também noto, neste momento, mais concentrada no trabalho e no meu dia-a-dia. (Entrevistado/a 5 – Momento 2)

“Mudou! Além de eu ser já positiva na minha vida, nos meus problemas, na minha situação, mudou porque eu tenho a certeza (e tenho mesmo) que a minha energia, a minha autoestima ficou muito mais, muito maior.” (Entrevistado/a 9 – Momento 2)

e: Sim, mais à vontade. Mais à vontade com as pessoas, mais brincalhona talvez. Mais à vontade em determinadas situações; noutras, o teatro e não só – mas é agora do teatro que estamos a falar -, veio trabalhar a parte da concentração, a parte da memória, a parte da correção postural. Veio trabalhar vários aspetos. Isso são aspetos que são integrados depois na vida quotidiana, do dia-a-dia, em vários momentos vão sendo integrados de uma forma muito normal e muito dinâmica, como as coisas é suposto serem. Portanto, não houve assim uma mudança radical, assim uma coisa... eu era assim até este ponto e, a partir dali, passei a ser de forma totalmente diferente – não, não houve essa mudança; mas houve pequenas mudanças que foram sendo integradas ao longo do tempo e continuam a ser integradas.

(Entrevistado/a 10 – Momento 2)

Este processo de transformação individual e social potenciado pela prática artística e cultural carece, no entanto, de sustentação por parte das entidades artísticas e culturais. Não obstante não ser possível afirmar que o projeto “A Meu Ver” produziu um impacto profundo e duradouro na estrutura e nos/as profissionais desta companhia de teatro, as palavras de um dos dirigentes do Teatrão, entrevistado em contexto de um grupo focal, evidenciam, no entanto, a existência de sensibilização para esta necessidade e direito das pessoas com deficiência, bem como de alguma permeabilidade à emergência de novas narrativas e novas linguagens teatrais:

“(…) essa noção de se começar a promover cada vez mais atividades com a participação de pessoas com deficiência, vai fazer com que a estética vigente da arte comece a contemplar essas pessoas também no meio. E também, às vezes, é um exercício de humildade nossa, de perceber que, talvez, não tem de existir uma necessidade prévia nas pessoas com deficiência. Ou seja, aqui trata-se de fazer uma coisa ao mesmo tempo. Trata-se

de fazer esta simbiose de apresentar e fazer, deixar que as coisas contaminem.”
(Dirigente e Profissional do Teatrão – Grupo focal 2)

4.2. Participação cultural e inclusão social

O acesso à cultura e à prática artística apresenta-se como essencial à efetivação do direito à cultura, à afirmação de uma cultura da deficiência e à construção de uma cultura onde todas as pessoas se sintam representadas. A prática cultural proporcionada às pessoas com deficiência participantes no projeto “A Meu Ver” propiciou um conjunto de impactos nas suas vivências diárias que extravasaram esta dimensão cultural. Como foi possível verificar aquando da realização do primeiro momento de entrevistas, a motivação inicial mobilizadora da participação da maioria dos/as participantes do projeto foi a necessidade de uma atividade externa à sua vivência quotidiana, como bem exemplifica o testemunho deste/a participante:

“É mais para sair um bocado de casa, estou sempre aqui durante o dia. À quinta-feira, quando vou, a esta hora já estou pronto, que vou apanhar o autocarro às duas e meia, ali naquela paragem.”

(Entrevistado/a 4 – Momento 1).

Tendo em conta esta motivação, não é assim de estranhar que as principais mudanças relatadas, nesta fase, pelos/as participantes sejam de ordem social e espacial. São mudanças resultantes da maior mobilidade dos/as participantes para fora do seu contexto familiar e da sua esfera privada, produzidas pela participação nos ensaios e nas atividades do projeto. Esta mudança foi facilitada pela formação em orientação dada pela ACAPO de Coimbra aos participantes do projeto, de forma a aumentar a sua familiarização com o trajeto de e para a OMT, bem como o incentivo e diligências desenvolvidas pelo Teatrão de forma a promover a utilização de transportes públicos. Alguns dos testemunhos

recolhidos dão conta dessa transformação:

“Agora em termos de transportes, passei a usar um autocarro que não me era sequer nada familiar, não usava, que é o 24T. Nunca o tinha usado anteriormente e passei-o a usar de uma forma mais habitual.”

(Entrevistado/a 10 – Momento 2).

“O conhecimento dos trajetos para virem autonomamente. Porque nenhum deles sabia vir ao Teatrão, nenhum. [...] Nem nunca tinham vindo. [...]. O reconhecimento de trajetos, o elencar quais os transportes disponíveis, toda essa formação foi feita e as pessoas estão a vir e a ir de forma autónoma.” (Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

Este impacto é especialmente relevante já que, como tem sido denunciado, a maioria das pessoas com deficiência ainda vive em contextos de grande isolamento social, fruto da falta de acessibilidades do meio físico envolvente que as impede de saírem de casa e de se deslocarem na sua área de residência, bem como da sua manutenção em estruturas residenciais afastadas da comunidade e do mercado de trabalho, com prejuízo claro para o seu envolvimento em redes de sociabilidade e participação social. Tal como os dados dos últimos Censos à população portuguesa revelaram: a percentagem de pessoas com 5 ou mais anos com uma incapacidade a viver em alojamento de tipo coletivo é muito superior à das pessoas sem qualquer tipo de incapacidade (8% face a 1,5% respetivamente) e do total de pessoas com incapacidade motora, 68,1% vive em alojamento sem acessibilidade para pessoas em cadeira de rodas (INE, 2022). A estas barreiras físicas somam-se as barreiras económicas à participação social. Como também revelam os Censos de 2021, do total de pessoas com uma qualquer incapacidade com 15 ou mais anos apenas 15,6% eram ativas no mercado de trabalho, por comparação a 58,5% das pessoas da mesma faixa etária sem qualquer incapacidade, acresce que 71,9% das pessoas com incapacidade apresentava como fonte de rendimento

uma reforma ou pensão (INE, 2022). A relevância do projeto para combater este isolamento social é clara nas palavras de uma outra técnica da ACAPO de Coimbra também entrevistada no âmbito do mesmo grupo focal:

“(…) há pessoas com [...] deficiência visual que gostariam de ir e não vão pelos constrangimentos que sentem, pelas dificuldades que sentem antes de lá chegar. Em termos de mobilidade, transporte, mesmo em termos de espetáculo [...], já para não falar nas outras dificuldades. [...] Muitos acabam por estar isolados. Há um ou outro que não vive aqui na cidade e está mais isolado e em aldeias, meios pequenos, pronto... não tem tanta convivência. Então, eu penso que isto, para o isolamento [...], penso que é muito importante.”

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

A um aumento das oportunidades de interação social proporcionada pelo projeto, acresce uma oportunidade de sensibilização da comunidade face às questões da deficiência, bem como uma integração sistemática no espaço e prática teatral de todos e todas, independentemente de possuírem ou não alguma incapacidade. Este aspeto de normalização e integração sistemática da diferença é também salientado pela mesma técnica:

“Porque há muitas pessoas que, para além de sofrerem com o estigma de serem cegos ou baixa visão, também elas próprias não se identificam como tal e portanto, tudo o que fazem no seu dia-a-dia tentam por tudo que não seja ligado a uma Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal. Ou seja, o participar no Teatrão e ser aqui no Teatrão, normaliza a coisa. Vai ao Teatrão quem gosta de fazer teatro e qualquer pessoa pode ir. “

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

A sensibilização da e para a cultura teatral é, no entanto, o impacto mais evidente deste projeto. A facilitação e fomento do consumo desta prática artística por parte do projeto e da direção da companhia, permitiu um maior acesso a espetáculos de teatro, nalguns casos mesmo uma iniciação no consumo desta prática,

tendo em conta que algumas destas pessoas nunca tinha tido a oportunidade de assistir a um espetáculo de teatro. As pessoas com uma qualquer incapacidade visual, em resultado das suas necessidades específicas para experienciar uma peça teatral onde, muitas vezes, se conjugam elementos visuais e auditivos, têm estado arredadas da oferta teatral existente na grande maioria das cidades portuguesas. O projeto “A Meu Ver” mediou, assim, o primeiro contacto e um contacto regular e frequente com espetáculos de teatro, contribuindo para efetivar o direito à cultura e ao consumo cultural por parte deste grupo específica de pessoas com deficiência que, pelas razões anteriores, tem estado particularmente afastada. Este projeto é, no entanto, um embrião isolado daquilo que pode e deve ser feito de forma a promover o direito à cultura nas suas diferentes dimensões e níveis de participação. O trabalho está praticamente todo por fazer como ressalta um dos dirigentes do Teatrão:

“Sabemos o grau de dificuldade que nós temos, por isso a questão da mediação é tão importante para o Teatrão, porque está muito ligada à génese da companhia, às questões como a educação artística e à defesa que a atividade artística devia fazer parte do ensino público, que as escolas deviam ter um acesso e uma prática artística nos seus currículos, quer dizer... isto faz parte um bocadinho da nossa filosofia de trabalho. [...] Há também uma necessidade dos agentes culturais e das equipas, e do próprio município ou, das pessoas que pensam as políticas culturais de terem uma formação específica nesta área.”

(Dirigente e Profissional do Teatrão – Grupo focal 2)

O processo de inclusão social na e pela cultura constitui, no entanto, um processo inacabado por natureza, que obriga a um constante investimento, alerta e monitorização por parte das diferentes partes envolvidas.

5. Conclusão

A análise apresentada ao longo deste capítulo, evidencia a importância do “A Meu Ver” enquanto projeto de mediação e participação cultural entre uma organização artística e um grupo social tradicionalmente afastado desta expressão artística e cultural – pessoas com cegueira ou baixa visão -desenvolvido por uma companhia profissional de teatro. Este projeto inscreve-se num percurso desenvolvido por esta companhia ao longo dos últimos 12 anos, de trabalho de mediação direta através da atividade artística com diferentes tipos de comunidades por meio de projetos de formação e de intervenção artística. Esse trabalho tem permitido aprofundar metodologias de criação artística, aliadas a abordagens metodológicas das Ciências Sociais e Humanas para o desenvolvimento de projetos de intervenção cultural e artística em diferentes tipos de comunidades. Estes projetos, ao acontecerem em contextos multidisciplinares, viabilizam novos entendimentos, percepções e interpretações dos processos de criação artística e apontam novos caminhos para e formatos da participação cultural como estratégia de mediação cultural. Os processos de mediação cultural são aqui entendidos em direta articulação com os processos de acesso e participação cultural, evidenciados em múltiplas camadas e formatos que favorecem o entendimento social da deficiência e a sua perspetivação quotidiana por todos os cidadãos. O conceito de participação cultural sofreu profundas transformações nas últimas décadas, acompanhando a mudança nas instituições culturais e nas suas práticas e produções artísticas (Ateca-Amestoy & Villarroya, 2017). Autores como Novak-Leonard & Brown (2011) assumem uma abordagem múltipla para o entendimento da participação artística que tem em conta diferentes tipos de participação como: assistir a espetáculos e atividades culturais,

envolvimento artístico através dos media e criação artística ou performance. O grau de envolvimento e o controle criativo do indivíduo na sua prática cultural é o critério usado por Brown (2004), classificando assim a participação cultural em diferentes camadas e formatos: inventiva, participativa, interpretativa, observacional e curadoria artística (Brown, 2004). Em suma, a participação cultural tem vindo a evoluir para formatos mais ativos, participativos e em alguns casos colaborativos assumindo dimensões de envolvimento de diferentes tipos de audiências (Tomka, 2013), e refletindo sobre os seus contributos como cidadãos. O processo de mediação no âmbito deste projeto, justifica-se no contexto e historial do Teatrão, onde se entende que a atividade artístico-cultural deve ser acessível, social e culturalmente falando, a diferentes tipos de comunidades e grupos e assumir formatos diferenciados. A criação artística deixa, assim, de ser apanágio de um pequeno grupo de artistas e passa a fazer parte integrante dos processos de construção identitária de pessoas e grupos normalmente afastados dos universos artísticos, existindo, portanto, um processo de apropriação e reconfiguração estética do universo artístico e cultural por parte destes grupos.

Os dados coletados e aqui reportados revelam, por um lado, a importância da acessibilidade dos espaços e dos espetáculos e criações culturais aos diferentes públicos para a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência e para a sua participação e inclusão social. Por outro lado, revelam a importância da cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos/as participantes do projeto ‘A Meu Ver’. Como ficou patente, o conjunto de práticas artísticas e culturais participativas implementadas pelo projeto permitiu identificar e reequacionar os diferentes níveis de participação cultural e de democratização que a efetiva participação cultural proporciona. Essa democratização pressupõe como

vimos, pelo menos, a consideração de quatro fatores: a inclusão na cultura e na comunidade, a acessibilidades dos espaços e dos espetáculos, o seu repensar para diferentes tipos de públicos e a sua abertura à participação como intervenientes diretos de diferentes grupos de pessoas com características e necessidades específicas.

Bibliografia

- Acesso Cultura (2020). *A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade. Como criar um plano de acessibilidade*. Câmara Municipal de Lisboa. <https://acesso-cultura.org/manual-plano-acessibilidade/>
- Ateca-Amestoy, V. & Villarroya, A. (2017). Measuring Participation in the Arts in Spain. In: Ateca-Amestoy, V., Ginsburgh, V., Mazza, I., O'Hagan, J., Prieto-Rodriguez, J. (eds) *Enhancing Participation in the Arts in the EU*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-09096-2_2
- Attride-Stirling J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385–405.
- Austin, S., & Brophy, C. (2015). *The Creative Case for Inclusive Arts Practices*. Literature Review. Arts Access Victoria. <https://www.art-saccess.com.au/wp-content/uploads/2020/06/Beyond-Access-Literature-Review-website-compressed.pdf>
- Baltazar, B. D. C. (2021). *Identidade em Movimento: Identidade Visual Animada para o Teatrão*. Dissertação de Mestrado em Design e Multimédia apresentada ao Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Repositório Institucional da Universidade de Coimbra. <https://eg.uc.pt/handle/10316/96038>
- Barnes, C., & Mercer, G. (2010). *Exploring Disability*. Cambridge: Polity Press.
- Becker, H. (1982). *Art Worlds*. Berkeley e Los Angeles. University of California Press.
- Beresford, P. (1996). Poverty and Disabled People: challenging dominant debates and policies. *Disability & Society*, 11(4), 553-567.
- Boeltzig, H., Hasnain, R., & Sulewski, J. S. (2008). Effective Career Development Strategies for Young Artists with Disabilities. The Institute Brief. Issue Number 24. *Institute for Community Inclusion*.
- Braun V. & Clarke V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Brown, S. E. (1997). 'Oh, don't you envy us our privileged lives?' a review of the disability culture movement. *Disability and Rehabilitation*, 19 (8), 339-349.
- Brow, A.S. (2004). *The Values Study: Rediscovering the Meaning and Value of Arts Participation*. Hartford, CT: Connecticut Commission on Culture and Tourism.
- Coleridge, P. (1993). *Disability, Liberation and Development*. Oxford: Oxfam Publishing.
- Comissão Europeia (2021). *União da Igualdade: Estratégia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030*. Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Bruxelas. https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:520_21DC0101&from=PT
- Cruz, H. (2021). *Práticas artísticas e participação política*. Lisboa: Edições Colibri.
- Davallon, Jean (2010), "A mediação: a comunicação em processo?" *Prisma.Com*. Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC- Centro de Estudos de Tecnologias e Ciências da Comunicação, 11.
- Davis, L. J. (1995). *Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body*. Londres: Verso.
- Estratégia de Promoção da Acessibilidade e Inclusão nos Museus, Monumentos e Palácios (EPAI) 2021-2025 (2021). Direção-Geral do Património Cultural e das Direções Regionais de Cultura. <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2022/01/estrategia-d-e-promocao-da-acessibilidade-e-inclusao-nos-museus-monumentos-e-palacios-2021-2025-epai/>
- Estratégia Nacional para a Inclusão das Pessoas com Deficiência 2021-2025 (ENIPD 2021-2025) (2021). Aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 119/2021. <https://www.sgeconomia.gov.pt/destaques/resolucao-do-conselho-de-ministros-n-1192021-aprova-a-estrategia-nacional-para-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia-20-21-2025-span-classnovo-novospan.aspx>
- Fontes, F. (2019). Framing Disability in Portugal: Historical Processes and Hegemonic Narratives. In Martins, P. R., Semedo, A. L. & Camacho, C. F. (Coord.), *Representing Disability in Museums. Imaginary and Identities* (pp. 99-118). Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Giddens, A. (1989). *Sociology*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, C., & Thomson, P. (2007). Creative partnerships? Cultural policy and inclusive arts practice in one primary school. *British educational research journal*, 33(3), 315-329.

- INE (2022). O que nos dizem os Censos sobre as dificuldades sentidas pelas pessoas com incapacidades. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=66200373&PUBLICACOESmodo=2
- Muñoz-Bellerín, M., & Cordero-Ramos, N. (2020). The role of applied theatre in social work: Creative interventions with homeless individuals. *The British Journal of Social Work*, 50(5), 1611-1629.
- Muñoz-Bellerín, M., & Cordero-Ramos, N. (2021). Citizen Art and Human Rights: Collective Theatre Creation as a Way of Combating Exclusion. 9(4), 1-10.
- Novak-Leonard, J.L., Brown, A.S. (2011). *Beyond Attendance: A Multi-Modal Understanding of Arts Participation*. Washington: National Endowment for the Arts.
- Oliver, M & Barnes, C. (1998). *Disabled People and Social Policy: From exclusion to inclusion*. London: Longman.
- Organização das Nações Unidas (ONU) (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. <https://www.ministeriopublico.pt/instrumento/convencao-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia>
- Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=1692A0005&nid=1692&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=
- Ribeiro, O. M., & Aguirre, S. (2021). Cultural perspectives of disability in Portugal. *Revista de Letras*, 1(1), 29-62.
- Swain, J. & French, S. (2000). Towards an Affirmation Model of Disability. *Disability & Society*, 15 (4), 569-582.
- Teatrão. (2023). Sobre. <https://oteatrao.com/sobre/>
- Tomka, G. (2013). Reconceptualizing cultural participation in Europe: Grey literature review. *Cultural Trends*, 22: 3-4, 259-264.
- Wendell, S. (1996). *The Rejected Body: Feminist Philosophical Perspectives on Disability*. London: Routledge.
- Turmusani, M. (2002). Work and adulthood: economic survival in the majority world. In: M. Priestley (Ed.), *Disability and the life course – Global Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 192-205.
- Zaidi, A., Burchardt, T. (2002). Comparing Incomes when Needs Differ: Equivalisation for the Extra Costs of Disability in the UK. CASE Paper No. 64. London: Centre for analysis of Social Inclusion.

Resultado e Impactos da Implementação do projeto A Meu Ver

Autores

Cláudia Pato de Carvalho, Fernando Fontes e Susete Margarido
(por ordem alfabética), Centro de Estudos Sociais

1. Introdução

O A Meu Ver é um projeto com duração de três anos, resultante de uma parceria entre o Teatrão – Oficina Municipal do Teatro e a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) – Delegação de Coimbra. O projeto é financiado pelo Programa PARTIS & Art for Change da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação “la Caixa” e pela Direção-Geral das Artes/República Portuguesa. O “A Meu Ver” inclui uma vertente científica e académica, através de uma parceria com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e, também, uma parceria com o poder local, nomeadamente, com o Município de Coimbra.

Neste projeto de inclusão pelas artes, o objetivo principal prende-se com a criação de um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral onde os participantes são, maioritariamente, pessoas cegas ou com baixa visão. Deste modo, a atividade principal do projeto é direcionada a pessoas com deficiência visual e materializada através da “Oficina de Teatro” (sala de ensaios) criada para o efeito.

O A Meu Ver teve início em janeiro de 2021 com um grupo de iniciação à prática teatral constituído, exclusivamente, por pessoas com deficiência visual que estreou no palco do Teatrão, em março de 2022, a peça original “O que é Invisível”. Em setembro de 2022, o Teatrão ampliou este grupo, através da abertura à comunidade de uma demonstração de interesse em participar no projeto, passando a integrar pessoas com e sem deficiência visual, perfazendo o total de 18 participantes. Em junho de 2023 este grupo estreou a peça

“O Sr. Biedermann e os Incendiários”.

Dada a ausência ou a diminuta participação das pessoas com deficiência do mundo da cultura e das artes, como público, como artistas profissionais e como agentes de produção e programação cultural, este projeto reveste-se de particular importância no panorama cultural nacional, regional e local. Aliando a formação artística de pessoas com deficiência, à captação e formação de novos públicos para as artes, à dinamização de momentos de reflexão sobre a inclusão na e através da arte, o projeto A Meu Ver procurou sensibilizar e formar a comunidade de artistas, de agentes culturais e o público em geral para a invisibilidade das pessoas com deficiência e para o silenciamento das suas vozes e visões do mundo na sociedade em geral e na cultura em particular.

As breves reflexões que aqui apresentamos resultam do trabalho de acompanhamento científico desenvolvido pela equipa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra ao longo dos dois primeiros anos de implementação do projeto. Assim, num primeiro momento passaremos em revista a estratégia metodológica definida para o acompanhamento e avaliação de impacto do projeto. De seguida apresentaremos os instrumentos de recolha de dados utilizados, de forma a que possam ficar disponíveis para utilização total ou parcial por outras equipas de investigação e potenciar a comparação de resultados. Num segundo momento, de forma a melhor contextualizar uma breve apresentação de resultados, faremos

uma breve caracterização do grupo de participantes com e sem deficiência visual que participaram no projeto. Esta caracterização será seguida pela republicação do artigo “As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual” (Fontes, Carvalho e Margarido, 2023) onde a equipa reflete de uma forma ampla sobre os resultados do primeiro ano de implementação do projeto A Meu Ver. Num terceiro e último momento apresentamos alguns resultados provisórios da monitorização efetuada no segundo ano de implementação do projeto.

2. Estratégia Metodológica

O trabalho de acompanhamento científico e avaliação de impacto desenvolvido mobilizou três campos principais de investigação e, conseqüentemente, quadros teóricos diversos: os Estudos da Deficiência, os Estudos Culturais e a Avaliação de Projetos. Em comum estes três campos apresentam a sua multidisciplinaridade e a mobilização de diferentes metodologias e técnicas de recolha de dados e estudos. As conclusões provisórias do acompanhamento do projeto A Meu Ver têm na sua base a triangulação de dados, maioritariamente, qualitativos, recolhidos através de diferentes técnicas e por diferentes instrumentos. Este trabalho de acompanhamento foi norteado pelo modelo social da deficiência e o entendimento desta última como uma forma de opressão social das pessoas com um qualquer tipo de incapacidade. A deficiência constitui, assim, uma construção social, que coloca as pessoas com deficiência numa situação de desvantagem e de exclusão social resultante do conjunto de barreiras que impedem a sua participação na sociedade e oprimem a sua existência. A adoção do modelo social da deficiência como a base ontológica e epistemológica (Priestley,

1997) significa para nós a rejeição total de abordagens individualistas e de um entendimento da deficiência como uma forma de tragédia pessoal, e a concentração do nosso trabalho na identificação e visibilização das diferentes barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência na sua vida quotidiana.

O nosso trabalho de acompanhamento procurou, para além de apoiar a equipa responsável pela implementação do projeto, analisar o processo de inclusão das pessoas com deficiência visual participantes no projeto A Meu Ver na estrutura profissional de teatro – O Teatrão. Através desta análise procuramos identificar as estratégias de inclusão utilizadas, as limitações e barreiras enfrentadas na implementação dessas estratégias, bem como o impacto deste projeto na estrutura e dinâmica do Teatrão, nas vidas das pessoas com deficiência visual participantes e na comunidade local.

Para cumprir estes objetivos e responder às questões que lhes estão subjacentes, combinámos uma investigação multi-faseada com uma abordagem multimétodo que se vai adaptando ao longo dos três anos de duração do projecto.

A primeira fase de acompanhamento do projeto A Meu Ver (avaliação inicial – fase 1) teve início em outubro de 2021 e terminou em Agosto de 2022. Esta fase 1 coincidiu com o período de preparação e rescaldo da apresentação pública da primeira peça do projeto “O que é invisível” (Teatrão, 25-27 Março 2022). O trabalho de acompanhamento neste primeiro ano combinou a realização de observação participante na oficina regular de teatro criada para o efeito (Sala de Ensaios), com a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas com deficiência visual participantes no projeto acompanhadas do preenchimento de um questionário sociodemográfico, com a dinamização de grupos focais com a equipa do Teatrão responsável pela

implementação do projeto e pela Sala de Ensaios, e com as entidades parceiras (ACAPO e Município de Coimbra).

A observação direta, realizada em 24 ensaios do projeto A Meu Ver, teve por objectivo acompanhar de forma mais próxima o processo de integração do grupo de participantes na estrutura do Teatrão, registar dificuldades e estratégias de superação individuais e coletivas, dinâmicas de relacionamento interpessoal criadas na Sala de Ensaios, adequação da resposta e da estrutura às necessidades das pessoas participantes. Os dados recolhidos foram registados num caderno de registos de campo que foi posteriormente analisado de forma a complementar e validar os dados recolhidos através das entrevistas semi-estruturadas e grupos focais.

As entrevistas semi-estruturadas, às pessoas participantes no projeto (11), tiveram lugar em dois momentos temporais: um primeiro momento entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022 e um segundo momento em abril de 2022, perfazendo um total de 22 entrevistas. A realização destas entrevistas foi, ainda, afetada pelo contexto pandémico, daí termos entrevistas telefónicas e entrevistas presenciais, de acordo com a preferência da pessoa entrevistada. O primeiro momento de entrevistas, pouco depois do início do trabalho de acompanhamento, teve por objetivo conhecer os/as participantes no projeto; fazer um levantamento das suas expectativas; identificar as alterações produzidas pela prática teatral no seu dia-a-dia; e descrever a sua relação com as práticas culturais e artísticas. O segundo momento de entrevistas, imediatamente após a apresentação da peça “O que é Invisível”, teve por objetivo recolher as preocupações, dificuldades e desafios enfrentados pelos participantes do projeto, identificar e recolher as estratégias de superação mobilizadas, avaliar o seu grau de satisfação com o projeto e identificar possíveis impactos

da sua participação. As entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas, e analisadas tematicamente (Attridge-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006) de forma identificar e analisar os temas dominantes.

A realização das entrevistas foi precedida da aplicação de um questionário sociodemográfico de caracterização da pessoa entrevistada e do seu contexto familiar e situação face ao trabalho. Os dados aqui recolhidos constituíram importantes variáveis de análise dos dados das entrevistas e de caracterização do grupo de participantes do projeto A Meu Ver.

Os dois grupos focais dinamizados no final desta primeira fase de acompanhamento, com os profissionais da ACAPO envolvidos no projeto e com os profissionais do Teatrão, tiveram por objetivo: no primeiro caso, analisar a participação da ACAPO na implementação do projeto e no processo de criação artística, e, no segundo caso, analisar o impacto do projeto no Teatrão e nos seus profissionais. O grupo focal com a ACAPO foi participado por três técnicas da instituição (duas técnicas de orientação e mobilidade e uma assistente social). O grupo focal com o Teatrão foi participado por quatro pessoas (dois elementos da estrutura de gestão e direção da companhia, e dois responsáveis pela Sala de Ensaios).

A segunda fase de acompanhamento do projeto A Meu Ver (avaliação on-going – fase 2) teve início em novembro de 2023 e término em janeiro de 2024. Esta fase 2 foi desenvolvida após a apresentação pública da segunda peça do projeto “O Sr. Biedermann e os Incendiários” (Teatrão, 8-10 Junho 2023). O trabalho de acompanhamento neste segundo ano foi fortemente afetado, temporal e metodologicamente, pela impossibilidade de consubstanciar de forma efetiva a parceria com o mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, tendo combinado a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas

com e sem deficiência visual participantes com aplicação de questionário sociodemográfico. Foi realizado um total de 16 entrevistas num único momento temporal. Foram definidos dois grupos alvo (pessoas que integraram o projeto na época 2021-2022 – grupo 1, pessoas que integraram o projeto na época 2022-2023 – grupo 2) e utilizados dois guiões de entrevista adaptados às trajetórias dos/s participantes no projeto. O guião aplicado ao Grupo 1 teve por objectivo: identificar as motivações das/os participantes para continuar no projeto; compreender a evolução das expectativas dos/as participantes face ao projeto; identificar preocupações, dificuldades e desafios sentidos pelos/as entrevistados/as e estratégias de superação utilizadas; avaliar o nível de envolvimento dos/as participantes na preparação do espetáculo; avaliar a satisfação dos/as participantes com a sua participação no projeto e no espetáculo; avaliar os impactos da participação no projeto na vida em geral e na participação cultural, em particular, das/os participantes; identificar as expectativas das/os participantes face ao envolvimento futuro no projeto A Meu Ver. O guião aplicado ao Grupo 2 teve por objectivo: conhecer os/as participantes; levantar motivações e expectativas para/ao integrar o projecto; identificar os principais medos/receios iniciais face à sua participação no projecto; identificar dificuldades sentidas na integração do projecto e estratégias de superação; avaliar a satisfação face à dinâmica criada no âmbito do projecto; Identificar e avaliar impactos do projecto nas suas vidas; identificar expectativas face ao desenvolvimento futuro do projecto e ao impacto esperado nas suas vidas. Tal como anteriormente, as entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas, e analisadas tematicamente (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006).

A terceira fase de acompanhamento, prevista para Outubro de 2024 – três

meses após a apresentação da peça “Condomínio.pt” (Teatrão, 27-29 junho 2024), constituirá o momento de avaliação final do projeto. Terá por objetivo avaliar os impactos do projeto nos diferentes agentes e estruturas envolvidas, bem como no tecido cultural local. Prevê-se a combinação de diferentes técnicas de recolha de dados: a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas participantes no projeto; a realização de entrevistas individuais à estrutura de gestão do Teatrão e a autoridades locais com responsabilidade na área cultural; a dinamização de grupos focais com: 1) profissionais da equipa do Teatrão envolvidos/as na preparação, montagem e apresentação pública dos espetáculos do projeto, 2) as entidades parceiras do projeto (ACAPO e Município de Coimbra); a aplicação de um inquérito pós-espetáculo ao público da peça “Condomínio.pt”.

3. Instrumentos de recolha de dados

Para salvaguardar os direitos das pessoas participantes no estudo e devolução de resultados, foi disponibilizado um consentimento informado explicitando o objetivo das entrevistas, o seu carácter científico e sigiloso, a participação voluntária, e solicitando autorização para proceder à respectiva gravação áudio para posterior transcrição e para facilitar o processo de análise,

No ano 1 foram aplicados os seguintes instrumentos de recolha de informação: i questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada pré-espetáculo, entrevista semiestruturada pós-espetáculo, focus group ACAPO, focus group Teatrão, e observação direta. A primeira entrevista foi realizada entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022, antes da estreia da peça “O que é invisível”. Nesta primeira entrevista foi aplicado um inquérito por questionário, visando a recolha de dados sociodemográficos do público-alvo. A segunda entrevista, após a estreia

da peça “O que é Invisível”, foi realizada durante o mês de abril de 2022. Foram também realizados dois focus group. O primeiro grupo focal, com a ACAPO, no dia 18 de julho de 2022 e o segundo, com os profissionais do Teatrão, realizou-se no dia 08 de agosto de 2022. Os resultados analíticos desta recolha de informação foram publicados no artigo “As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual” (Fontes, Carvalho e Margarido, 2023), republicado aqui. (com autorização da Revista Lusófona de Estudos Culturais)

No ano 2, a avaliação do projeto decorreu através da aplicação de questionário sociodemográfico e da realização de entrevistas semi-estruturadas após a estreia da peça “O Sr. Biedermann e os Incendiários”. Dada a variação do grupo, do ano 1 para o ano 2, optou-se pela criação de dois guiões de entrevista, dirigidos a dois grupos de participantes distintos: pessoas que integraram o projeto na época 2021-2022 (grupo 1) e pessoas que integraram o projeto na época 2022-2023 (grupo 2). Do total de 17 participantes foram entrevistadas 16 pessoas.

4. Caracterização dos participantes

Ano 1

O grupo de participantes do ano 1, foi composto por 11 pessoas com deficiência visual. No que respeita à faixa etária dos participantes, 9 dos 11 participantes situam-se na faixa etária entre os 30 e os 59 anos de idade e 2 pessoas tinham mais de 60 anos (ver gráfico 1). Uma análise por sexo indica que 6 participantes são do sexo feminino e 5 do sexo masculino. No que respeita ao estado civil, denotamos uma grande diversidade de situações: 4 pessoas casadas, 2 divorciadas, 3 solteiras e 2 em união de facto (ver gráfico 3). De notar que 3 participantes

vivem sozinhos/as, 1 com os pais e 7 com os respectivos cônjuges e/ou filhos. Em termos de habilitações literárias: 4 têm o Ensino Secundário e 3 possuem uma licenciatura, 2 o 3º ciclo e 2 o primeiro ciclo do Ensino Básico. No que concerne à situação face ao emprego: 4 pessoas estavam desempregadas, 2 estavam empregadas, 4 estavam reformadas por invalidez e 1 reformada por idade. Tendo em conta a situação face ao emprego, facilmente se depreende que a principal fonte de rendimento deste grupo eram as prestações sociais disponibilizadas às pessoas com deficiência em Portugal com grau de incapacidade igual ou superior a 60% e as prestações de reforma (5 dos 11 participantes).

Faixa Etária	
<20	0
20-29	1
30-39	1
40-49	3
50-59	5
60-69	1
<70	1
Total	12

Gráfico 1 - Faixa etária

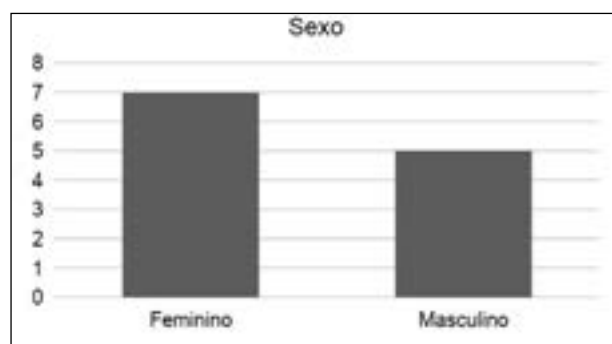


Gráfico 2 - Sexo

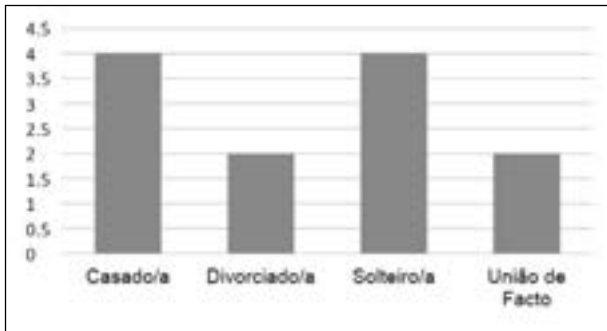


Gráfico 3 - Estado Civil



Gráfico 7 - Fontes de rendimento

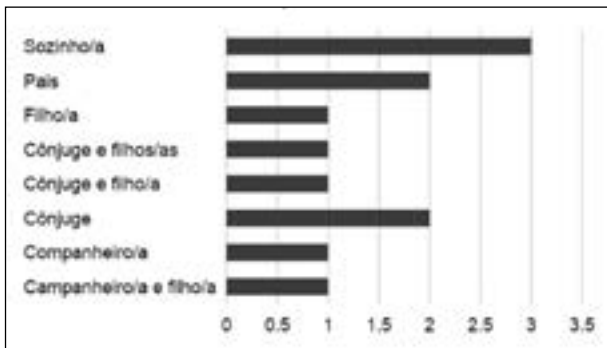


Gráfico 4 - Agregado Familiar

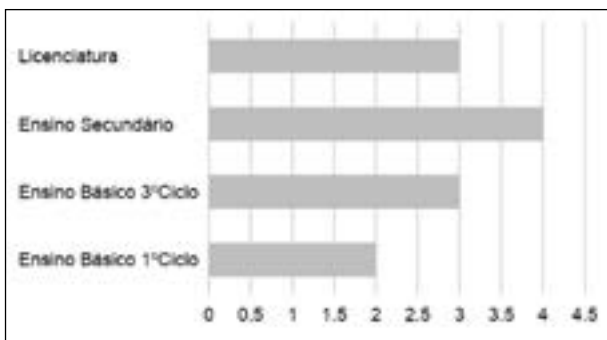


Gráfico 5 - Habilitações Literárias

Situação face ao emprego	Contagem
Desempregado/a	5
Empregado/a	2
Reformado/a p/ idade	1
Reformado/a p/ invalidez	3
Reformado/a p/invalidez	1
Total	12

Gráfico 6 - Situação face ao emprego

Ano 2

O grupo de participantes, no segundo ano de projeto, era constituído por um total de 17 pessoas, 11 das quais com deficiência visual e 6 pessoas normovisuais. No ano de 2022/2023 (ano 2) ingressaram no projeto 8 novas pessoas e mantiveram-se 9 pessoas desde o início do A Meu Ver (2020/2021), contudo participaram na recolha de dados 16 dos 17 participantes no projeto. O grupo era composto por 3 homens e 13 mulheres, com idades compreendidas entre os 20 e os 74 anos e uma média de idades de 56 anos, residentes em diferentes concelhos e freguesias do distrito de Coimbra. Relativamente ao estado civil, 6 são solteiros/as, 5 divorciados/as, 2 casados/as e 2 viúvos/as e uma pessoa estava em união de facto. No que diz respeito ao agregado familiar, verificamos que 7 pessoas vivem sozinhas, 3 vivem com os pais e/ou irmãos, 3 vivem com os/as filhos/as os seus pais e/ou outros familiares e 2 vivem com o cônjuge/companheiro e, num caso, com os filhos e cônjuge. O elevado número de pessoas a viverem de forma isolada, denota o acentuar do isolamento das pessoas participantes face ao grupo do 1º ano do projeto. O grau de escolaridade é bastante heterogéneo, existindo 1 pessoa com o 1º ciclo (4º ano), 1 pessoa com o 2º ciclo (6º ano), 3 pessoas com o 3º ciclo (9º ano), 4 pessoas com o ensino secundário (12º ano) e 7 pessoas com Licenciatura. No que se refere à situação face ao emprego, 6 dos participantes estão desempregados e 3 trabalham por conta de outrem, 4 estão reformados por invalidez e 2 estão reformados por idade. A principal

fonte de rendimentos dos/as participantes provém de prestações sociais como a Reforma por Invalidez e a Prestação Social para a Inclusão.

Faixa Etária	
<20	0
20-29	1
30-39	2
40-49	3
50-59	5
60-69	3
<70	2
Total	16

Gráfico 8 - Faixa Etária

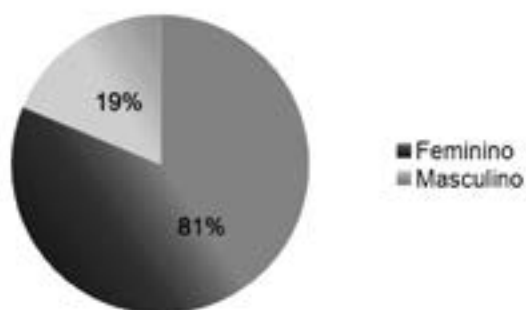


Gráfico 9 - Sexo

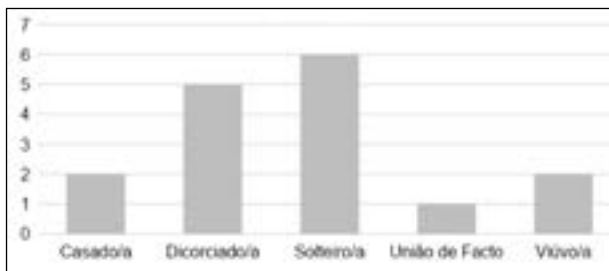


Gráfico 10 - Estado Civil

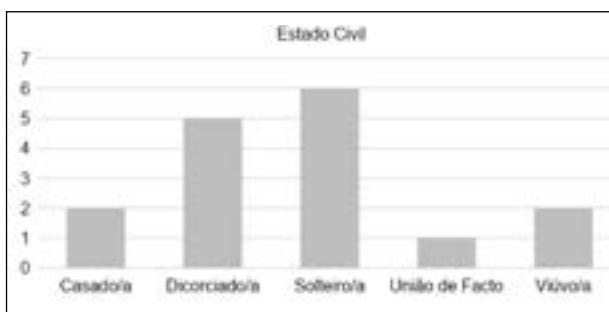


Gráfico 11 - Agregado Familiar

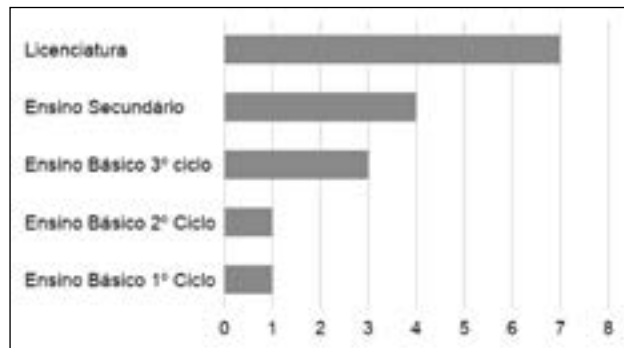


Gráfico 12 - Habilitações Literárias

Situação face ao emprego	Contagem
Desempregado/a	5
Empregado/a	3
Estudante	1
Frequenta Formação	1
Reformado/a p/ idade	2
Reformado/a p/ invalidez	4
Total	16

Gráfico 13 - Situação face ao emprego

Fonte de rendimentos	Contagem
Não tem rendimentos próprios	1
Poupanças	1
Prestações Sociais	5
Reforma p/ idade	2
Reforma p/ invalidez	1
Reforma p/ invalidez e prestações sociais	3
Rendimentos de trabalho por conta de outrem	2
Rendimentos de trabalho por conta de outrem e prestações sociais	1
Total	16

Gráfico 14 - Fontes de rendimento

5. Resultados da implementação do projeto A Meu Ver

5.1. Resultados do ano 1 do projeto

Republicação do artigo:

Fontes, F., Carvalho, C. ., & Margarido, S. (2023). As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 10(1), 91-111. <https://doi.org/10.21814/rlec.4465>

5.2. Ano 2: Alguns resultados provisórios

5.2.1. Motivações e Expectativas

A possibilidade de inserção num grupo cultural e artístico para dar seguimento a aspirações individuais de prossecução de objetivos artísticos, à semelhança do que aconteceu no ano 1, continua a ser uma das motivações principais dos/as participantes do A Meu Ver. Em relação direta com esta vontade expressa pelos/as participantes, que está também associada à vontade e necessidade de inclusão e uma necessidade de bem-estar, existe uma motivação ligada ao contributo da atividade artística para a expressão e desenvolvimento da/de identidade(s) que não encontra possibilidades e condições de expressão noutros contextos sociais. De relevar também a importância dada à possibilidade e ao desafio de ter que se exprimir individual e corporalmente em público, associando a estas possibilidades a oportunidade de experimentar algo de novo, desenvolver capacidades de comunicação e socialização, que vieram, em alguns casos, colmatar a falta de opções profissionais, assim como a falta de atividades que ocupem o tempo e contribuam para uma rotina diária individual. É também referido por alguns/mas dos/as participantes a importância de estarem num grupo que permite um conjunto de aprendizagens e partilha de experiências importantes para o seu desenvolvimento individual e para a sua

afirmação individual como pessoa que conseguiu ultrapassar barreiras e vencer na vida. Por último, a possibilidade de entretenimento e diversão é também um aspeto muito valorizado. A estas motivações, no caso das pessoas normovisuais que entraram no segundo ano do projeto, juntam-se aspetos referentes ao enriquecimento individual, nomeadamente a vontade de conhecer melhor a realidade das pessoas com deficiência visual por forma a promover o enriquecimento conjunto e individual.

5.2.2. Mudanças, Dificuldades e Desafios

Ensaios

No que respeita ao contexto de ensaios para a peça, o facto de haver um contexto exigente e desafiante é considerado importante para os participantes, já que é referido nas entrevistas que são confrontados com experiências novas de contacto com a realidade artística. Nesta segunda fase também é revelado como positivo o facto de terem sido possibilitadas mais oportunidades para trabalharem em conjunto, como grupo, algo que não aconteceu de uma forma tão regular no primeiro ano de projeto, segundo as pessoas entrevistadas. Por outro lado, é evidente nos testemunhos dos/as participantes, o desafio que representou, não obstante a preparação proporcionada para algumas das pessoas participantes pelo primeiro ano do projeto, terem de trabalhar um texto já escrito para teatro. Este facto atesta a importância que tem a existência de um trabalho de continuidade em projetos desta natureza em que os/as mesmos/as participantes têm a possibilidade de experienciar regularidade no seu trabalho e criar competências que ajudam os/as participantes a ter confiança nas suas capacidades e potencialidades.

Dificuldades e Desafios

As principais dificuldades sentidas e desafios enfrentados pelas pessoas participantes no segundo ano do projeto A Meu Ver prenderam-se, por um lado, com as exigências de memorização de grandes falas e menor possibilidade de improviso e, por outro, com as dificuldades de adaptação a uma peça onde os sinais visuais assumiram uma grande centralidade, quer através dos cenários e elementos cenográficos, quer através dos gestos e simulação de rotinas do quotidiano. Esta peça revelou, assim, algumas das adversidades da prática teatral para pessoas com deficiência visual, mas também algumas das dificuldades na eliminação dessas barreiras. Estes desafios foram, no entanto, entendidos pelas pessoas participantes também com oportunidades, como oportunidades individuais de confronto com estas suas barreiras físicas/obstáculos, e de superação das mesmas. No caso específico da adequação dos gestos e das posturas corporais à circunstância exigida durante a peça, foi identificado como uma barreira de particular relevância para as pessoas com cegueira congénita. Para as restantes pessoas, o maior desafio parece ter sido a necessidade de decorar um grande volume de texto, resultante, como algumas pessoas admitem, da falta de treino ou da falta de hábito e/ou disciplina. De relevar também, o grande apreço que têm pelos colegas e pela capacidade de trabalho que denotam que os/as colegas evidenciaram na superação das dificuldades. Em alguns casos, essas dificuldades prendem-se também com a intensidade dos ensaios e com a sua regularidade, que foi para alguns/mas participantes, também, um grande desafio, para além de todos os desafios de trabalhar em grupo e de depender desse grupo para atingir um resultado comum.

5.2.3. Impactos do projeto a nível individual, social e familiar

Individual

Em termos de impactos individuais, são referidas questões relacionadas com a possibilidade de ocupar o tempo com atividades artísticas que oferecem uma dinâmica particular aos dias destes participantes, tendo também um papel de intensificar o seu interesse pelo teatro e pelas artes em geral e oferecendo outras possibilidades de formação que vêm amplificar o leque de possibilidade individuais. Por outro lado, a possibilidade de participarem nos ensaios e atividades do A Meu Ver, deu a alguns destes participantes uma aprendizagem sobre como enfrentar as barreiras e os desafios que se colocam a uma pessoa com deficiência visual no seu dia-a-dia e também na prática teatral. A prática teatral surge, assim, como um contexto e um instrumento de aprendizagem para uma gestão mais equilibrada destes obstáculos. Este tipo de impacto é de facto muito relevante, já que permite ampliar a liberdade e a capacidade dos/as participantes se movimentarem livremente sem receio, constituindo, desta forma, um importante contributo para uma maior participação social das pessoas com deficiência nas comunidades onde estão inseridas. Este impacto é entendido, não como um resultado, mas sim como um processo de aprendizagem individual estimulado pela participação no projeto A Meu Ver. Interessante é, ainda, assinalar a identificação de outro tipo de impactos, como o aumento da autoconfiança e das capacidades de interação com diferentes tipos de pessoas e da capacidade de gestão desse desafio.

Social e familiar

Os impactos do projeto a nível social e pessoal evidenciam-se também na forma como a possibilidade de encontro com outros participantes possibilita o

desenvolvimento de outras atividades conjuntas, como seja a organização de eventos sociais conjuntos fora do Teatrão. Este facto cria oportunidades de socialização aos participantes, contribuindo para evitar o isolamento social a que normalmente estão sujeitos. Alguns testemunhos referem também a influência destas atividades na criação de possibilidades de mudanças no seu percurso individual. Por outro lado, outro impacto relevante prende-se com a melhoria dos relacionamentos com outras pessoas, fora do círculo dos colegas participantes do Teatrão, já que as atividades do A Meu Ver desenvolvem, de acordo com testemunhos dos participantes, um conjunto de competências sociais importantes para o bem-estar individual destas pessoas. Adicionalmente, alguns participantes referem que as atividades do projeto possibilitam o desenvolvimento das suas capacidades de comunicação e de diálogo que a prática da atividade teatral possibilita, como o falar mais pausadamente. Também são referidas diretamente pelos participantes, a possibilidade que o projeto traz ao nível do desenvolvimento das competências individuais, como o estar à vontade em público, a capacidade de aceitar diferentes tipos de situações e de ir ao encontro dos desafios. Estas competências são, ainda, mais relevantes para um grupo de pessoas particularmente excluído socialmente, contribuindo para um aumento da sua auto-motivação, mas também para um maior sucesso no seu percurso profissional e social.

Perspetivas futuras

Como é perceptível nos relatos recolhidos das diferentes pessoas participantes no A meu Ver, a continuidade do projeto é um assunto gerador de grande ansiedade. Esta ansiedade generalizada e, até mesmo, inconformidade face a este possível fim, tem, no entanto, diferentes razões e é geradora de diferentes níveis de impacto. Se, para algumas destas pessoas, este projeto constituiu um

importante contexto de socialização com pares e de interação social, uma razão para sair de casa e conhecer pessoas novas, o seu fim significa o retorno ao isolamento do espaço doméstico. Se, para outras pessoas, a participação neste projeto de iniciação à prática teatral constituiu o concretizar de um sonho ou a continuidade de uma prática já encetada noutros projetos semelhantes, o seu fim constitui, mais uma vez, o adiar ou o fim do sonho. A vontade de continuidade é unânime. Mesmo que algumas pessoas tenham verbalizado alguma dificuldade em continuar, dada a intensidade e dedicação exigida neste segundo ano, a importância atribuída à continuidade do projeto sobrepõe-se a qualquer incompatibilidade de agenda ou vontade individual. Este projeto parece, assim, ser entendido, como um projeto ‘semente’, tendo em conta a expectativa evidenciada de que dele resulte alguma coisa, ou a sua extensão enquanto projeto, ou a sua consolidação como um eixo de trabalho do Teatrão, ou a integração das pessoas participantes noutras produções do Teatrão ou de outras companhias de teatro locais.

6. Bibliografia

- Attride-Stirling J. (2001). Thematic networks: An analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385–405. DOI: <https://doi.org/10.1177/146879410100100307>
- Braun V., & Clarke V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Fontes, F., Carvalho, C., & Margarido, S. (2023). As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 10(1), 91–111. DOI: <https://doi.org/10.21814/rlec.4465>
- Priestley M. 1997. “Who’s Research?: a personal audit”. In: Barnes C; Mercer G (eds.) *Doing Disability Research*. Leeds: The Disability Press, pp 88-107.



